

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE TEOLOGIA



MATHEUS HENRIQUE GRASSE

O CASAMENTO E A SEXUALIDADE NAS CONFISSÕES LUTERANAS
UMA ANÁLISE A PARTIR DO LIVRO DE CONCÓRDIA

Canoas
2017

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE TEOLOGIA**

MATHEUS HENRIQUE GRASSE

**O CASAMENTO E A SEXUALIDADE NAS CONFISSÕES LUTERANAS
UMA ANÁLISE A PARTIR DO LIVRO DE CONCÓRDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teologia
como requisito obrigatório para
obtenção do título de Bacharel em
Teologia.

Orientador: Rev. Prof. Dr. Paulo Moisés Nerbas

Canoas
2017

A presente monografia **O CASAMENTO E A SEXUALIDADE NAS CONFISSÕES LUTERANAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LIVRO DE CONCÓRDIA**, redigida pelo acadêmico **MATHEUS HENRIQUE GRASSE**, foi examinada e julgada pela Banca Examinadora em cumprimento ao Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia, na Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

Orientador: Prof. Rev. Dr. Paulo Moisés Nervas

Rev. Prof. Dr. Paulo Moisés Nervas

Orientando: Matheus Henrique Grasse

Matheus Henrique Grasse

Examinador: Rev. Prof. Ms. Douglas Moacir Flor

Rev. Prof. Ms. Douglas Moacir Flor

Examinado em: 04 de dezembro de 2017.

Canoas
2017

Aos meus pais, Antonio e Leoni Grasse, como também a todos que de uma ou de outra forma me apoiaram e incentivaram em todos os sentidos. Tais foram fundamentais nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar perdão, vida e salvação através de Jesus Cristo.

Agradeço aos meus pais, Antonio e Leoni, verdadeiros presentes de Deus em minha vida, os quais me deram todo o amor, incentivo, apoio e carinho.

Agradeço ao Rev. Geovani Hoffmann que me incentivou e me levou a ingressar neste curso.

Agradeço à Congregação Evangélica Luterana Bom Pastor de Linha Brasil, Nova Petrópolis, RS, e os seus departamentos, pelo auxílio concedido durante esta caminhada. Estendo o agradecimento ao Distrito Hortênsias pelo auxílio e apoio.

Agradeço aos meus colegas e amigos pela ajuda e amizade durante todos os anos.

Agradeço aos professores por todo ensino e companheirismo nesta caminhada. Em especial, agradeço ao meu orientador, Rev. Prof. Dr. Paulo Moisés Nerbas, pelo auxílio, atenção e paciência dispensados durante a elaboração desta monografia.

Muito obrigado!

“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.”

(Gênesis 1.27-28, ARA).

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo discorrer sobre a questão da sexualidade humana e do casamento, que é cada vez mais presente nas discussões entre as pessoas e nos principais meios de comunicação. Buscando um melhor entendimento a respeito do assunto, a presente monografia quer analisar os conceitos da sexualidade humana e do casamento presentes no *Livro de Concórdia*, a partir do contexto histórico e teológico onde os documentos confessionais reunidos neste livro estão inseridos e ver a aplicação desses conceitos nos dias atuais. Para tal objetivo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, incluindo artigos que descrevem o desenvolvimento da ideia sobre a sexualidade humana e o casamento desde o início do cristianismo, passando pela Idade Média e chegando até a época da Reforma Protestante, quando os documentos confessionais reunidos no *Livro de Concórdia*, analisados nesta monografia, foram escritos. Nesta pesquisa também foram incluídos artigos que versam sobre o tratamento que a sociedade atual está dando à questão da sexualidade humana e do casamento. Se constatou nesta monografia que a visão bíblica a respeito da sexualidade humana e do casamento foi abandonada. Na igreja da Idade Média a compreensão foi para um extremo, quando era defendido o celibato na busca de uma santidade mais elevada, para conquistar a salvação. Nos dias atuais, o entendimento foi para outro extremo com a promoção da liberdade total, incluindo propostas homoafetivas. Percebeu-se que a compreensão sobre a sexualidade humana e o casamento encontrada nos documentos confessionais presentes no *Livro de Concórdia* é a correta, pois defende o casamento como uma instituição divina, onde o próprio Deus cria e sustenta a vida humana, e para o ser humano desfrutar dos prazeres que Deus colocou em seu corpo e fora dele, mas sob uma ordem e decência que o próprio Deus criou.

Palavras-chave: sexualidade humana, casamento, cristianismo, visão bíblica, salvação, Idade Média, celibato, Reforma Protestante, *Livro de Concórdia*, dias atuais.

ABSTRACT

This monograph aims to respond to the discussion about human sexuality and marriage, which is increasingly present in the popular discussions and in the media. Seeking a better understanding about the subject, this monograph intends to analyze the concepts of human sexuality and marriage present in *The Book of Concord*, from the historical and theological context in where the confessional documents gathered in this book are inserted and to see the application of these concepts in the current days. For this purpose, a bibliographical research was carried out, including articles describing the development of the issue about human sexuality and marriage from the beginning of Christianity, through the Middle Ages and until the time of the Protestant Reformation, when the confessional documents gathered in *The Book of Concord*, analyzed in this monograph, were written. This research also included articles that reflect the treatment that the contemporary society is giving to human sexuality and marriage. It is concluded in this work that the biblical view on human sexuality and marriage was given up. In the church of the Middle Ages the understanding went to an extreme, when celibacy was advocated in the pursuit of higher holiness and to achieve the salvation. In the current days, the understanding has gone to another extreme with the promotion of total freedom, including homoaffective proposals. It was realized that the understanding of human sexuality and marriage found in the confessional documents present in *The Book of Concord* is correct, since it defends marriage as a divine institution, where God himself creates and sustains human life for the enjoyment of the pleasures that God has placed in his body and anywhere, but under an order and decency that God himself created.

Keywords: human sexuality, marriage, Christianity, biblical vision, salvation, Middle Ages, celibacy, Protestant Reformation, *The Book of Concord*, current days.

LISTA DE ABREVIATURAS

AE – *Artigos de Esmalcalde*.

Ap. – *Apologia da Confissão de Augsburgo*.

APA – American Psychiatric Association's (Associação Americana de Psiquiatria).

ARA – Almeida Revista e Atualizada (tradução da Bíblia).

CA – *Confissão de Augsburgo*.

CM – *Catecismo Maior*.

Cm – *Catecismo Menor*.

CNJ – Conselho Nacional de Justiça.

CTCR-LCMS – *Commission on Theology and Church Relations – Lutheran Church – Missouri Synod* (Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Luterana do Sínodo de Missouri – EUA).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LC – *Livro de Concórdia*.

OSel – *Obras Seleccionadas de Lutero*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO.....	12
1.1 Compreensão da igreja medieval	12
1.2 Visão de Lutero	21
2 COMPREENSÃO NO LIVRO DE CONCÓRDIA.....	28
2.1 Confissão de Augsburgo.....	28
2.2 Apologia da Confissão de Augsburgo	32
2.3 Catecismos de Lutero	36
2.4 Artigos de Esmalcalde.....	39
3 O CASAMENTO E A SEXUALIDADE NOS DIAS ATUAIS	42
3.1 Casamento e divórcio	42
3.2 Casamento homoafetivo	44
3.3 Transtorno de identidade de gênero	47
CONCLUSÃO	52
BIBLIOGRAFIA	53

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a discussão sobre a sexualidade humana e o casamento é cada vez mais presente nas discussões populares e nos principais meios de comunicação. No entanto, esse é um assunto que se discute desde o começo do cristianismo. Desde então, continuando ao longo dos séculos e chegando até a igreja da Idade Média, a herança teológica para a vida diária sofreu graves distorções, sobretudo em relação à vida matrimonial, partindo para um extremo perigoso. A vida comum era deixada em segundo plano, dando prioridade para uma vida sem nenhuma relação sexual, para poder alcançar uma santidade mais elevada, em busca da salvação.

Ao terminar o período medieval, começando a era moderna, esses ideais profundos sobre a renúncia sexual foram abalados em seu cerne por reformadores protestantes. Esses reformadores, dentre os quais o principal foi Martinho Lutero, entendiam o casamento de uma forma diferente. A partir do estudo nas Escrituras Sagradas, os reformadores descreveram o casamento como uma instituição divina, onde o próprio Deus cria e sustenta a vida humana. Nos escritos deles, que acabaram se tornando documentos reunidos no *Livro de Concórdia*, formando uma unidade na confissão de fé dos teólogos, é mostrado que Deus instituiu o matrimônio para o ser humano desfrutar dos prazeres que Deus colocou no corpo humano e fora dele, mas sob a ordem e decência que o próprio Deus criou.

Entretanto, nos dias atuais, a compreensão sobre a sexualidade humana e o casamento foi para outro extremo perigoso. Ao invés da renúncia aos prazeres físicos, existe liberdade total, sem haver respeito pela criação de Deus. Está se propondo, inclusive, a união entre pessoas do mesmo sexo, mostrando que a visão bíblica sobre o casamento e a sexualidade foi abandonada. Por isso, há a necessidade de olhar com cuidado os escritos dos reformadores do século XVI, em especial de Lutero e de Melanchthon, que estão reunidos no *Livro de Concórdia*, verificando uma resposta à situação atual.

Por isso, nesta monografia se analisam os conceitos de casamento e sexualidade presentes no *Livro de Concórdia*, a partir do contexto histórico em que os documentos confessionais reunidos neste livro estão inseridos e verificar como esses conceitos aos aplicam nos dias atuais.

Para tanto, os resultados da pesquisa estão estruturados da seguinte forma: formando o primeiro capítulo, é apresentado o contexto histórico e teológico no qual os documentos confessionais reunidos no *Livro de Concórdia* foram escritos, como foi desenvolvida a compreensão sobre o casamento e a sexualidade desde o início do cristianismo até a época da Reforma Protestante, quando esses documentos foram escritos. Este capítulo também abordará a compreensão que o reformador Martinho Lutero tem sobre casamento e sexualidade em seus escritos. No segundo capítulo é apresentada a compreensão sobre casamento e sexualidade presente no *Livro de Concórdia*, através da análise dos documentos confessionais presentes no livro, demonstrando não só como foi deplorável o matrimônio ter sido proibido, mas também o atrevimento de castigá-lo sem demora, como se casar fosse o pior dos pecados. Ignorou-se completamente o fato do casamento ser um dom através do qual Deus cria e sustenta a vida humana. No terceiro capítulo é demonstrado como a sociedade atual está considerando a sexualidade humana e o casamento, contrapondo com a proposta apresentada pelo *Livro de Concórdia*.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO

Desde o início do cristianismo, continuando ao longo dos séculos e chegando até a igreja da Idade Média, a herança teológica para a vida diária sofreu graves distorções, sobretudo em relação à vida matrimonial. Esta vida era deixada em segundo plano, dando prioridade para uma vida de celibato, uma vida sem nenhuma relação sexual. Lutero, por sua vez, via o casamento de uma forma diferente. A partir do estudo nas Escrituras Sagradas, Lutero descreve o casamento como uma instituição divina, onde o próprio Deus cria e sustenta a vida humana. Com isso, Lutero mostra que o celibato só poderia ser exercitado quando é dom de Deus.

Esses pontos de vista apresentados pela igreja medieval e por Lutero serão analisados neste capítulo.

1.1 COMPREENSÃO DA IGREJA MEDIEVAL

A renúncia sexual foi uma opção descrita em termos teológicos desde o início do cristianismo, continuando a ser desenvolvida ao longo dos séculos, chegando até a igreja medieval. Todas as formas dessa renúncia foram significativas, pois acarretavam em um permanente estado de pureza sexual.

Holland¹ mostra que no início do cristianismo a motivação para a restrição sexual e o celibato tiveram dois aspectos importantes. Um desses aspectos foi a escolha de uma pessoa não se casar, para não precisar ter responsabilidades dentro de uma família, implicando assim no celibato. O outro aspecto tinha como ideal um desenvolvimento do celibato ao longo de toda a vida da pessoa, fundamentando um estilo de vida de abstenção aos prazeres físicos da carne em nome da salvação, fazendo do celibato um componente de fé e prática cristã.²

¹ Glenn Holland. Professor de Estudos Religiosos no Allegheny College, especializado no Bispo James Mills Thoburn. Autor e coeditor de vários livros. OLSON, Carl. Contributors. In: **Celibacy and Religious Traditions**. New York: Oxford University Press, 2008. p. xiii.

² HOLLAND, Glenn. Celibacy in the Early Christian Church. In: **Celibacy and Religious Traditions**. Carl Olson (org.). New York: Oxford University Press, 2008. p.65-6.

Holland mostra que a perspectiva apocalíptica de Jesus, quando anunciava que “o Reino de Deus está próximo”,³ forneceu o contexto para uma grande parte do conteúdo das exigências morais dele, registradas nos evangelhos. Holland fala que essas exigências de Jesus em colocar o Reino de Deus acima de tudo tiveram consequências sobre todos os aspectos comuns da vida, incluindo o casamento, as crianças e as responsabilidades do lar. Porém, baseado em leituras das epístolas do apóstolo Paulo, Holland afirma que esse chamado de buscar o Reino de Deus não determina a eliminação de outras prioridades, mas pode ser entendida como uma exigência de reordenação da vida das pessoas, em preparação para o iminente retorno de Jesus.⁴ Holland diz:

As reflexões do apóstolo Paulo sobre a restrição sexual devem ser entendidas no contexto da vida nas congregações cristãs, tanto as que Paulo estabeleceu quanto outras. O padrão dominante entre as congregações cristãs fundadas por Paulo parece ter sido uma continuação dos padrões da vida diária, incluindo as responsabilidades da família, do trabalho e da sociedade, mas com o foco agora no Cristo ressuscitado e seu retorno iminente.⁵

Ao final do primeiro século, os cristãos tinham uma expectativa muito grande pelo retorno de Jesus, pelo fim iminente deste mundo, já naquela época, vivendo uma vida de renúncia aos prazeres oferecidos por este mundo, a fim de ter uma vida mais saudável para conseguir a salvação. No entanto, conforme Holland, o atraso para tal fato acontecer fez com que os líderes cristãos reavaliassem a situação da igreja. Esses líderes reconheceram que a igreja dependia das famílias vivendo no mundo secular, tanto que passaram a incentivar os cristãos para viver no contexto de famílias em domicílios bem ordenados.⁶

Mesmo com esse reconhecimento por parte dos líderes da igreja, ainda existiam, no começo do segundo século, pessoas que praticavam hábitos de

³ Marcos 1.15, ARA.

⁴ HOLLAND, 2008, p.67.

⁵ HOLLAND, 2008, p.68. Texto original: “The apostle Paul’s reflections on sexual restraint should be understood in the context of life in the Jesus congregations, both those Paul himself established and others. The dominant pattern among the Jesus congregations founded by Paul appears to have been a continuation of the patterns of daily life, including the responsibilities of family, work, and society, but with the focus now on the risen Christ and his imminent return.”

⁶ HOLLAND, 2008, p.69.

abstenção dos prazeres físicos. Conforme Holland, essas pessoas permaneciam como membros de congregações cristãs, e eram reverenciadas por desistirem dos prazeres normais da vida. Essas pessoas lembravam aos demais cristãos, que se encontravam na igreja, o chamado a renunciar dos prazeres mundanos no serviço à Cristo.⁷ Como consequência, tornou-se cada vez mais crescente a ênfase no celibato como a mais pura expressão da devoção religiosa dos cristãos.

Holland mostra que ambos os padrões de vida eram distintos. Porém, o aumento do número de membros da igreja fez com que, ao final do segundo século, a própria igreja aceitasse esses dois padrões de vida distintos, tanto o padrão dos cristãos que viviam no mundo, cumprindo o que Cristo ordenou, mas dentro da relação com a família e com a sociedade, como o padrão dos cristãos que desejavam fazer algo a mais para conquistar a salvação, chegando a renegar os prazeres sexuais para tentar atingir a perfeição.⁸

No terceiro século, a situação não mudou muito. O número crescente de pessoas que se juntavam à igreja fez com que mais pessoas desejassem reprimir os prazeres físicos da carne. No entanto, conforme Holland, este século foi aquele em que “o ideal do celibato ao longo da vida começou a adquirir uma sustentação teológica e justificação”,⁹ quando alguns autores desenvolveram suas teorias. Um desses autores, lembrado por Holland, é Orígenes de Alexandria (185-254), que apresentava a existência do corpo como um passo curto no longo processo de restauração da pureza da alma, fazendo com que o celibato libertasse a alma do corpo para uma progressão mais rápida desse processo.¹⁰ Um estudioso que segue pela mesma linha é Cipriano, que foi bispo de Cartago de 248 a 258. Holland mostra que Cipriano via o corpo físico como um campo de batalha onde lutavam o mundo e a alma entre si, com a sexualidade podendo ser utilizada como uma das armas do mundo para superar as boas intenções da alma.¹¹

⁷ HOLLAND, 2008, p.71.

⁸ HOLLAND, 2008, p.72-3.

⁹ HOLLAND, 2008, p.74. Texto original: “The ideal of lifelong celibacy began to acquire a theological underpinning and justification”.

¹⁰ HOLLAND, 2008, p.74.

¹¹ HOLLAND, 2008, p.74.

Outro estudioso lembrado por Holland, que juntou e ampliou a ideia de oposição entre o corpo e a alma, foi o professor heterodoxo judeu-cristão Mani (216-276). Este desenvolveu um sistema teológico rígido, o maniqueísmo, onde defende que o cosmos e o mundo material se tornaram um local de luta sem fim entre a Luz e a Escuridão.¹² Dentro desse sistema estava incluída também a questão da sexualidade, que era vista como o principal conflito interior do cristão, fazendo com que ambos os padrões de vida, ao final do terceiro século, fossem permeados por uma noção de contenção sexual como sinal de autocontrole.¹³

No quarto século, as pessoas que desejavam suprimir as reivindicações do corpo, em especial os que abandonavam a sexualidade, adotaram uma ideia ainda mais radical para tentar alcançar o estado de pureza da alma. González¹⁴ mostra que essas pessoas se retiravam ao deserto para viverem sozinhas, longe da sociedade, das próprias inquietações e das tentações do mundo.¹⁵ Havia o entendimento, conforme Holland, que o deserto tinha associações com a luta entre o espírito e a carne, remontando à história do povo de Israel quando saiu do Egito, mas em especial lembrando a tentação de Jesus pelo diabo.¹⁶ Essas pessoas, que ficaram conhecidas como eremitas, tinham como objetivo encontrar o mínimo possível das necessidades físicas, do alimento e da bebida, suprimindo os impulsos sexuais, tentando alcançar um ponto de contato direto com Deus.¹⁷

O quarto século também foi importante para o desenvolvimento de uma fundamentação teológica para a questão do celibato entre o clero. Conforme Holland, quando o celibato emergiu foi considerado como o mais profundo compromisso com Deus, símbolo de renúncia à vida no mundo. Entendia-se que o

¹² HOLLAND, 2008, p.74.

¹³ HOLLAND, 2008, p.75.

¹⁴ Justo L. González. Nascido em Cuba e radicado nos Estados Unidos, tem doutorado pela Universidade Yale. Tem experiência de ensino de história da igreja em diversos seminários da América Central e dos Estados Unidos. Disponível em: <https://vidanova.com.br/104_justo-l-gonzalez>. Acesso em 09 out. 2017.

¹⁵ GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo. Vol. 2 – A era dos gigantes. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.61.

¹⁶ Este relato da tentação de Jesus pelo diabo está registrado na Bíblia, no Evangelho conforme Mateus 4.1-11.

¹⁷ HOLLAND, 2008, p.75.

progresso na vida cristã era medido pela abstenção da atividade sexual, permanecendo virgem desde o nascimento ou ficar sem relações sexuais depois da geração de filhos em um casamento.¹⁸

Para os sacerdotes e líderes religiosos, o celibato era a opção mais adequada da renúncia sexual, pois havia uma grande preocupação com o comportamento sexual do clero. Cheatham¹⁹ comenta que os papas Sirício²⁰ e Inocêncio I²¹ tiveram grande importância no desenvolvimento da ideia do celibato clerical. Esses papas entenderam que as relações sexuais eram um poluente e, portanto, incompatível com os deveres do cargo clerical. Holland mostra que o próprio fato de permanecer casado era uma permanente incitação ao pecado, por causa da atração entre homem e mulher por permanecerem juntos, mesmo que o casal resolvesse permanecer sem relações sexuais.²² Por isso Cheatham mostra que os papas acima citados aceitavam que os ministros da Igreja casassem, mas esperavam que os clérigos se abstivessem permanentemente da relação sexual.²³

A visão sobre o celibato ganhou mais força na igreja no quinto século. Cheatham mostra que o ponto de vista favorável à renegação dos prazeres físicos, que permeava o pensamento cristão da época, foi manifestado em grande parte no discurso da igreja, afetando a percepção de todos sobre o casamento e as relações conjugais.²⁴ Neste século, conforme Holland, a igreja passou a adotar uma visão

¹⁸ HOLLAND, 2008, p.78.

¹⁹ Karem Cheatham. Pesquisadora que está completando seu doutorado no Centro para o Estudo da Religião, na Universidade de Toronto. Tem como foco de pesquisa o discurso religioso sobre virgindade masculina e castidade na Europa Ocidental do século XI e XII. OLSON, Carl. Contributors. In: **Celibacy and Religious Traditions**. New York: Oxford University Press, 2008. p. xii.

²⁰ Papa Sirício. 38º papa da Igreja Católica. Iniciou o pontificado em 384, terminando em 399. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/siricio.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

²¹ Papa Inocêncio I. 40º papa da Igreja Católica. Iniciou o pontificado em 402, terminando em 417. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/innocenzo-i.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

²² HOLLAND, 2008, p.78.

²³ CHEATHAM, Karen. "Let Anyone Accept This Who Can": Medieval Christian Virginit, Chastity, and Celibacy in the Latin West. In: **Celibacy and Religious Traditions**. Carl Olson (org.). New York: Oxford University Press, 2008. p.91-2.

²⁴ CHEATHAM, 2008, p.96.

mais negativa da sexualidade. Baseados nas reflexões de autores de séculos anteriores, estudiosos deste século usaram a sexualidade como o pior exemplo de como o corpo físico estragou a mente e o espírito da pessoa.²⁵

Um dos estudiosos do quinto século foi Jerônimo (342-420). Holland mostra que Jerônimo nasceu em família rica, porém largou tudo para dedicar-se a uma vida de restrição dos prazeres físicos no deserto, como os eremitas. Foi ordenado sacerdote em Antioquia, e anos mais tarde serviu como secretário do papa Dâmaso I²⁶ em Roma.²⁷ Conforme González, a intenção de Jerônimo quando se retirou para o deserto era se libertar totalmente da sexualidade, mas sonhos e tentações não o deixavam. Para conseguir se desfazer das tentações, Jerônimo castigava o próprio corpo.²⁸ Essa experiência no deserto fez com que Jerônimo entendesse que a sexualidade era um empecilho para a pessoa tentar alcançar a salvação. Segundo Holland, Jerônimo rejeitou o casamento por considerar que a vida conjugal estimulasse aos desejos da carne. Jerônimo também apoiou o celibato perpétuo para sacerdotes e outros clérigos, pois considerou que o celibato era fundamental para uma vida santa.²⁹

Outro estudioso do século quinto, e talvez o mais importante, foi Agostinho de Hipona (354-430). Agostinho formulou a teoria de sexualidade humana que influenciou de forma definitiva o pensamento da igreja no lado ocidental. Conforme Holland, Agostinho acreditava que tanto a sexualidade como o casamento eram parte da criação de Deus, mas que foram corrompidos com a queda da humanidade. Todo o corpo, incluindo desejos e sentidos, estava sobre o controle racional do ser humano, mas, com a queda, a vontade humana foi pervertida, fazendo com que a harmonia do corpo com a alma não existisse mais.³⁰ Holland argumenta que, na

²⁵ HOLLAND, 2008, p.78.

²⁶ Papa Dâmaso I. 37º papa da Igreja Católica. Iniciou o pontificado em 366, terminando em 384. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/damaso-i.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

²⁷ HOLLAND, 2008, p.78.

²⁸ GONZÁLEZ, 1980, p.156.

²⁹ HOLLAND, 2008, p.78.

³⁰ HOLLAND, 2008, p.79.

visão de Agostinho, todo o bem veio de Deus e refletia Deus. No entanto, para Agostinho, a sexualidade tornou-se o exemplo mais claro da corrupção humana, pois os seres humanos desfrutavam da relação sexual para satisfazer os desejos do corpo, e não usando de um modo que glorificasse a Deus.³¹

Agostinho tinha uma visão otimista sobre o casamento. Cheatham comenta que Agostinho escreveu dois tratados sobre o casamento, onde mostra três fins positivos: a procriação, a fidelidade entre os cônjuges e o vínculo de amor. Estes três fins poderiam ser alcançados, e eram louvados porque transformaram a iniquidade do sexo em algo de valor.³² No entanto, mesmo dentro do casamento, o sexo pode ser visto como algo moral e burocrático. Holland mostra que essa ideia de Agostinho sobre o casamento proporcionava apenas o uso correto da sexualidade, sem tirar o pecado do ato, fazendo com que, mesmo dentro do casamento, fosse uma rebeldia perigosa duas pessoas estarem se amando e nutrindo desejo mútuo.³³

Para a igreja, que pregava que o amor deveria ser unicamente direcionado a Deus, o amor entre o casal parecia impossível, ainda mais para os monges. O celibato era visto como a melhor opção para os clérigos, a partir das ideias de Benedito de Núrsia (480-550). González relata que, como outros eremitas, Benedito se retirou da sociedade para viver uma vida de completa renúncia às tentações do mundo,³⁴ mas voltou para fundar mosteiros e instruir outros monges. González descreve que, nesses mosteiros, o monge deveria se esforçar para precisar o menos possível, mas que tivesse o necessário para uma vida razoável.³⁵ Holland mostra que Benedito, quando fundou os mosteiros, forneceu um regimento para a vida dos monges, onde o celibato foi colocado como uma das principais virtudes a serem seguidas, pois mostrava o compromisso com a igreja, bem como a renúncia ao mundo e seus caminhos.³⁶

³¹ HOLLAND, 2008, p.79.

³² CHEATHAM, 2008, p.97.

³³ HOLLAND, 2008, p.80.

³⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra:** uma história ilustrada do Cristianismo. Vol. 3 – A era das trevas. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1995, p.43.

³⁵ GONZÁLEZ, 1995, p.49.

³⁶ HOLLAND, 2008, p.80.

No entanto, esse comportamento que deveria ser buscado pelos clérigos foi inconsistente durante os séculos. Cheatham comenta que nem todos buscaram cumprir esse comportamento. A maior parte dos clérigos, sobretudo os que trabalhavam em áreas rurais, continuou casada e desfrutando de um relacionamento sexual ativo com as suas esposas. Apesar da ameaça da igreja de depor os padres do ministério por viver com as suas mulheres ou casar depois da ordenação nada aconteceu.³⁷

Leigos foram instruídos a se casar, mas ao mesmo tempo muitas pessoas viam o casamento como a forma menos digna de vida cristã. Cheatham mostra que, inspirados nos padres de sua comunidade, cristãos comuns queriam participar da vida religiosa. No entanto, a maioria não pôde abandonar as responsabilidades do mundo secular para dedicar suas vidas a Cristo. Por isso o casamento, com renegação aos prazeres sexuais, ofereceu uma solução para esta situação e, durante o andamento dos séculos da Idade Média, as pessoas que tinham abraçado esta forma de vida estavam fazendo parte de um crescente número de cristãos devotos que foram homenageados e admirados por sua grande piedade.³⁸

Para os clérigos, porém, a interpretação foi diferente. A ideia da castidade clerical foi promovida em virtude da ansiedade sobre os efeitos poluentes das relações sexuais, que deixariam os clérigos impuros. Por isso, a partir do século XI, foram adicionadas ideias que reforçavam o estado de pureza que os clérigos deveriam ter ao celebrar a missa. Conforme Cheatham, neste século, a pureza dos clérigos se tornou importante como virtude moral, para ter um melhor relacionamento com Deus. Também entrou em jogo a compreensão sobre uma possível perda de propriedades da Igreja, pois os territórios passavam dos sacerdotes aos seus filhos, dissipando-se o poder e unidade da igreja.³⁹

Essa mudança na igreja custou o esforço de muitos papas até alcançar um resultado positivo. Cheatham comenta que foi necessária uma mudança de foco, não somente de impor a castidade, mas também de impedir o próprio casamento clerical. Para tanto, várias leis que anularam o casamento do clero e que proibiram clérigos impuros de realizar as suas atividades foram promulgadas. Até mesmo os

³⁷ CHEATHAM, 2008, p.92.

³⁸ CHEATHAM, 2008, p.100.

³⁹ CHEATHAM, 2008, p.93.

membros das comunidades foram incitados pela igreja a boicotar missas celebradas por clérigos casados, pois o povo acreditava que a igreja, em sua estrutura, era a mediadora entre os homens e Deus. Por isso, aceitou todas as proibições que a igreja impunha.⁴⁰

A decisão para que o celibato dos clérigos realmente fosse cumprido deu-se com o papa Gregório VII.⁴¹ González mostra que Gregório VII e seus companheiros viviam conforme o modo de vida dos monges e, por causa disso, acreditavam que o modo de vida dos monges deveria ser imitado pelo clero.⁴² Segundo Cheatham, Gregório VII agiu de forma diferente para fazer com que as ideias dele fossem executadas, pois enviou os regulamentos a vários bispos e representantes da igreja, com instruções de como divulgar e executar as leis.⁴³ González relata que Gregório VII também nomeou pessoas, enviando-as para várias regiões da Europa, para ficarem observando o cumprimento das leis ao pé da letra.⁴⁴

Essa decisão do celibato clerical acabou tornando-se uma exigência absoluta para a adesão ao clero. No entanto, não foram somente os clérigos que foram afetados por essas leis, mas também as esposas e os filhos deles. A igreja atacou de forma cada vez mais violenta as famílias, afirmando que a cônjuge do clérigo não era mais a mulher, mas sim uma concubina, prostituta ou amante. Conforme Cheatham, todas essas palavras que passaram a definir a cônjuge do clérigo sugerem uma relação imoral fora do casamento, estando baseada essencialmente na carnalidade, pois agora o clérigo estava “casado” com a Igreja. Por sua vez, os filhos desses casais também foram esquecidos e eram considerados ilegítimos, tendo direitos de herança negados. Houve reações de todas as partes,

⁴⁰ CHEATHAM, 2008, p.93.

⁴¹ Papa Gregório VII. 157º papa da Igreja Católica. Iniciou o pontificado em 1073, terminando em 1085. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/gregorio-vii.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

⁴² GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra**: uma história ilustrada do Cristianismo. Vol. 4 – A era dos altos ideais. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1981, p.28.

⁴³ CHEATHAM, 2008, p.94.

⁴⁴ GONZÁLEZ, 1981, p.27.

mas mesmo assim a igreja saiu como vencedora no conflito sobre o celibato clerical.⁴⁵

No entanto, esta prática do celibato e da castidade, que foi defendida pelos líderes cristãos para os clérigos, não era uma prática que a igreja promoveu para os leigos. Cheatham mostra que esses líderes temeram que os cristãos comuns fossem sucumbir ao desejo carnal e quebrar seus votos de castidade, pois o juramento da castidade não era negociável, não existindo nenhuma outra prática superior a essa para substituir. Para que a situação não ocorresse, a igreja estimulava que, quando o homem tinha uma vocação religiosa, abandonasse a esposa logo após o casamento ou fugisse de sua noiva antes das núpcias, para poder tornar-se um monge.⁴⁶

Cheatham comenta, porém, que ao terminar o período medieval, começando a era moderna, esses ideais profundos sobre a renúncia sexual foram abalados em seu cerne por reformadores protestantes, cujas críticas das principais tradições e crenças da igreja abriram um novo discurso sobre o valor e o local da virgindade, da castidade e do celibato no mundo cristão.⁴⁷

1.2 VISÃO DE LUTERO

O começo de uma mudança na compreensão em relação ao casamento e à sexualidade foi trazido por Lutero. No entanto, Lutero não gostava de pregar e falar sobre a vida matrimonial, pois sabia que, uma vez levantado o assunto, daria muito trabalho para ele e também os que seguiriam as ideias dele, em virtude das leis papais que causaram uma confusão muito grande na cabeça de todas as pessoas.⁴⁸

⁴⁵ CHEATHAM, 2008, p.97.

⁴⁶ CHEATHAM, 2008, p.98.

⁴⁷ CHEATHAM, 2008, p.101.

⁴⁸ LUTERO, Martinho. Da Vida Matrimonial. In: **Obras Selecionadas – Volume 5**: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. p.161.

Nestingen⁴⁹ mostra que Lutero, quando começa a falar sobre o casamento, em um sermão de 1519, está muito ligado a ideia medieval sobre o assunto.⁵⁰ Um ano mais tarde, quando escreveu *Do Cativo Babilônico da Igreja*, Lutero desenvolveu duas objeções em relação ao entendimento do assunto na igreja medieval, começando a mudar o entendimento dele sobre o casamento. Uma das objeções de Lutero foi a definição do casamento como um dos sacramentos da igreja, mostrando que diferentemente do Batismo ou Santa Ceia, não há um sinal ou promessa específica para que o casamento seja considerado um sacramento. Lutero fala que o casamento existe desde a fundação do mundo, não havendo razões para determinar o casamento como algo exclusivo da igreja ou que possa ser regulamentado por ela.⁵¹ A outra objeção desenvolvida por Lutero nesse escrito, conforme Nestingen, diz respeito aos tratamentos da igreja em relação aos problemas conjugais enfrentados pelas pessoas, tais como impedimentos para o casamento,⁵² onde Lutero admoesta que, se existe algum impedimento ao casamento que for regulamentado pela igreja, representada pelo papa, e que não estiver expresso na Escritura Sagrada, todos os sacerdotes devem confirmar estes casamentos, embora contrários às leis da igreja.⁵³ Lutero também fala a respeito da legitimidade do divórcio e, mesmo não se animando muito a definir se o divórcio é lícito, mostra que o divórcio somente pode ser admitido por motivo de fornicação, quando há alguma imoralidade sexual. Se o divórcio ocorrer por qualquer outro motivo, não é válido.⁵⁴

⁴⁹ James Arne Nestingen. Professor de história da igreja no Luther Seminary, St. Paul, Minnessota.

⁵⁰ NESTINGEN, James Arne. Luther on Marriage, Vocation, and the Cross. In: **Word & World**. Saint Paul, Minnesota (USA): Luther Seminary, volume 23, Number 1, Winter 2003. p.32.

⁵¹ LUTERO, Martinho. *Do Cativo Babilônico da Igreja*. In: **Obras Selecionadas – Volume 2: o programa da Reforma – escritos de 1520**. Trad. Martin N. Dreher et al. 3 ed. atual. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. p.400.

⁵² NESTINGEN, 2003, p.32.

⁵³ LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja*. In: OSel 2, 2011, p.404.

⁵⁴ LUTERO, *Do Cativo Babilônico da Igreja*. In: OSel 2, 2011, p.409.

Um grande desafio para Lutero, segundo Nestingen, foi trabalhar com as exigências da igreja medieval em relação ao celibato de padres, freiras e monges.⁵⁵ Ao escrever *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, Lutero afirmou que o papa não tem o direito de proibir o matrimônio aos sacerdotes, aconselhando que “se deixe de novo a livre critério de cada um casar-se ou não casar-se, conforme lhe aprouver”,⁵⁶ sugerindo que um concílio desse a liberdade para que padres, freiras e monges casassem. No entanto, Lutero percebeu que era necessário implantar um novo regime dentro da igreja, aconselhando para quem quisesse tornar-se padre, que não deveria prometer ao bispo uma vida de celibato, visto que a fraqueza humana não permite que se viva assim.⁵⁷

Nesta época, Lutero tinha alvoroçado muitas pessoas com suas ideias. Padres começaram a abandonar os votos que fizeram, subordinando-se a todas as condenações das legislações vigentes na igreja. No entanto, também muitos monges e freiras abandonaram os mosteiros. Por isso Lutero viu-se obrigado a escrever, em 1522, *Da Vida Matrimonial*, a declaração mais completa até então sobre o assunto, “para instruir as miseráveis consciências perturbadas, e ir em frente com coragem”.⁵⁸

Lutero fez a divisão deste escrito em três partes. Nestingen comenta que a primeira do escrito é bastante tradicional,⁵⁹ pois Lutero analisa um por um dos 18 impedimentos ao matrimônio estabelecidos pela igreja e descarta praticamente todos, com exceção de dois. Lutero também fala da importância do ser humano em procriar-se, mostrando que pessoas impotentes são incapazes de viver

⁵⁵ NESTINGEN, 2003, p.33.

⁵⁶ LUTERO, Martinho. *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*. In: **Obras Selecionadas**: o programa da Reforma – escritos de 1520. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011. Vol. 2. p.312.

⁵⁷ LUTERO, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*. In: OSeI 2, 2011, p.313.

⁵⁸ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSeI 5, 2011, p.161.

⁵⁹ NESTINGEN, 2003, p.33.

matrimonialmente.⁶⁰ Deus abençoou homem e mulher, dizendo: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra [...]”.⁶¹ Segundo Lutero,

[...] não é um mandamento apenas, é mais do que um mandamento é uma obra divina que não nos compete impedir ou abandonar. É tão necessária como o fato de eu ser homem, mais importante do que comer e beber, purgar e excrementar, dormir e vigiar. [...] E mesmo que se queira impedi-lo, isso se revela impossível, pois trata-se de algo da natureza e não da livre vontade.⁶²

Na segunda parte do escrito, Lutero comenta três razões pelas quais a pessoa pode divorciar-se. A primeira é se homem ou mulher for incapaz de se casar por problemas físicos ou por natureza, a qual Lutero descreveu de forma suficiente na parte anterior do escrito.⁶³ A segunda razão levantada por Lutero é o adultério, falando que sobre esse assunto os papas deveriam ficar calados. Lutero cita o relato do Evangelho conforme Mateus 19.3ss, onde Cristo admite o divórcio entre homem e mulher por causa do adultério, mostrando que a parte inocente pode se casar novamente.⁶⁴ A terceira razão é quando um dos cônjuges abstém-se do outro, não prestando ao outro o dever conjugal, nem querendo viver em sua companhia.⁶⁵ Neste último ponto Lutero baseia-se no apóstolo Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, em que proíbe que homem e mulher se privem um do outro, pois na hora do comprometimento um entrega o corpo ao outro para o serviço conjugal.⁶⁶ No entanto, Nestingen mostra que mesmo reconhecendo motivos legítimos para o divórcio, Lutero foi relutante em apoiar o divórcio, argumentando que a fé tem prioridade, fazendo a pessoa agir além dos mínimos da lei.⁶⁷

⁶⁰ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.163.

⁶¹ Gênesis 1.28, ARA.

⁶² LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.162.

⁶³ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.170.

⁶⁴ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.170.

⁶⁵ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.172.

⁶⁶ 1 Coríntios 7.4ss, ARA.

⁶⁷ NESTINGEN, 2003, p.33.

Na terceira parte, Lutero fala também de algumas coisas proveitosas a respeito da vida matrimonial e como conduzir esta ordem de Deus de modo cristão e divino. Conforme Nestingen, nesta parte Lutero argumenta que o requisito básico era o respeito a ambos os sexos, sugerindo ignorar as pessoas que desprezavam o valor das mulheres e o casamento.⁶⁸ Lutero mostra que se deve saber que homem e mulher são obras de Deus e não se deve recriminar isto, “chamando de ruim o que ele mesmo considera bom. Ele sabe melhor do que todos o que é bom e útil para o ser humano”.⁶⁹ Lutero diz que:

Deve satisfazer-se, antes de mais nada, com o fato de seu estado e sua obra agradarem a Deus. Em segundo lugar confiar que Deus certamente lhe dará o sustento, desde que trabalhe e se esforce com todo o empenho. E se não puder ser um fidalgo ou príncipe, que seja um empregado ou uma empregada.⁷⁰

As ideias trazidas por Lutero incomodavam várias pessoas do alto escalão da igreja medieval. Mesmo com todos os escritos de Lutero, conforme Nestingen, o papado insistiu que a verdadeira santificação requer o desapego da carne e seus prazeres, defendendo o celibato dos sacerdotes e religiosos.⁷¹ No entanto, Lutero não parou de se posicionar contra a exigência do celibato, publicando, em 1523, uma explicação sobre *O Sétimo Capítulo da Epístola de S. Paulo aos Coríntios*. Neste escrito, Lutero argumenta que o casamento também é um dos dons de Deus, juntamente com a castidade. Porém, a castidade é um dom especial concedido a poucas pessoas.⁷² Sacerdócio e matrimônio podem ser conciliados e o matrimônio não se torna algo diabólico depois de alguém assumir o sacerdócio.⁷³

Além dos escritos, Lutero também ensinou de forma simples o entendimento dele sobre o casamento, mostrando que é um dom através do qual Deus cria e

⁶⁸ NESTINGEN, 2003, p.33.

⁶⁹ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSeI 5, 2011, p.175.

⁷⁰ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSeI 5, 2011, p.182.

⁷¹ NESTINGEN, 2003, p.33.

⁷² LUTERO, Martinho. O Sétimo Capítulo da Epístola de S. Paulo aos Coríntios. In: **Obras Seleccionadas – Volume 5**: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011, p.196.

⁷³ LUTERO, *O Sétimo Capítulo da Epístola de S. Paulo aos Coríntios*. In: OSeI 5, 2011, p.203.

sustenta a vida humana. Na explicação do Primeiro Artigo do Credo, Lutero mostra que o ser humano é uma criação de Deus, ao qual Ele dá e conserva, sem cessar, “corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência, etc.; comida e bebida, vestimenta, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar, etc.”.⁷⁴ Nenhuma pessoa tem a vida por si mesmo, pois ninguém tem o poder de conservar qualquer coisa.

Quando explicou a Quarta Petição do Pai Nosso, em que se ora “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”,⁷⁵ Lutero fala que “suplicamos, porém, nesta petição que nos faça reconhecê-lo e receber com agradecimento o pão nosso de cada dia”,⁷⁶ ou seja, tudo o que pertence ao sustento e às necessidades da vida. Lutero dá muito valor para a vida cotidiana, considerando ser melhor do que a vida dos monges. Na explicação do Quarto Mandamento, ele diz que:

[...] uma empregadinha haveria de saltitar de alegria, louvar e agradecer a Deus, e com trabalho esmerado, pelo qual, assim como assim, recebe comida e salário, ganharia um tesouro que tal não possuem todos os que são considerados os maiores santos. Acaso não é excelente glória e estar em condições de dizer: “Cuidar dos meus quefazeres [sic] domésticos diários coisa melhor é que santidade e vida austera de todos os monges?” E tens, além disso, a promessa de que prosperarás em toda coisa boa e estará bem. De que maneira poderias ser mais bem-aventurado ou viver vida mais santa [...]?⁷⁷

Ao explicar o Sexto Mandamento, Lutero mostrou como Deus confere honra ao matrimônio, sancionando e protegendo o casamento através de Sua Palavra. Lutero comenta que “a vida matrimonial não é assunto para brincadeira ou curiosidade atrevida; é, isto sim, coisa excelente e matéria de divina seriedade”.⁷⁸ Com isso, vê-se a crítica de Lutero à proibição do casamento, sobretudo para os

⁷⁴ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Darci Drehmer (ed.). Trad. Arnaldo Schüler. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p.448, § 13.

⁷⁵ Mateus 6.11, ARA.

⁷⁶ LUTERO, Martinho. Enquirídio Catecismo Menor do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Darci Drehmer (ed.). Trad. Arnaldo Schüler. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p.374, § 13.

⁷⁷ LUTERO, CM, LC, 2006, p.417, § 145-6.

⁷⁸ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 208.

sacerdotes, que juravam observar celibato perpétuo. No entanto, apenas por aparência.⁷⁹ Homem e mulher foram criados “para que permaneçam unidos, sejam fecundos, gerem filhos e os sustentem e eduquem para honra de Deus”,⁸⁰ para “que ame e tenha em apreço o cônjuge, dado por Deus”.⁸¹

Lutero colocou o casamento no contexto da criação, mostrando que o casamento é algo que está no mundo, como qualquer outra coisa criada por Deus, como comer, beber, dormir, passear, cavalgar, negociar, conversar e trabalhar.⁸² E como ordem da criação, segundo Nestingen, o lar é subordinado à lei, que ganha autoridade neste sentido, orientando o funcionamento da criatura.⁸³ Nestingen coloca que a vida se torna mais complicada do que a própria lei, pois colocar pessoas juntas, para viver uma vida de matrimônio, é uma proposição arriscada.⁸⁴ No entanto, conforme Nestingen, vivendo na fé em Deus, o que foi exigido pela lei para o funcionamento da vida diária se torna uma vocação, um chamado para o cristão, onde tem a oportunidade específica para servir ao próximo.⁸⁵ Esse chamado pode ser cumprido dentro do casamento ou da família, cada um ao seu tempo, com características particulares. Porém, todos os chamados, como Nestingen comenta, são formadores e condicionantes da vida, onde uma pessoa funciona como máscara de Deus, tornando-se parceira de Deus para cuidar da criação.⁸⁶

⁷⁹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.427, § 213-4.

⁸⁰ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 207.

⁸¹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.428, § 219.

⁸² LUTERO, OSeI 5, 2011, p.167.

⁸³ NESTINGEN, 2003, p.36.

⁸⁴ NESTINGEN, 2003, p.36.

⁸⁵ NESTINGEN, 2003, p.37.

⁸⁶ NESTINGEN, 2003, p.37.

2 COMPREENSÃO NO LIVRO DE CONCÓRDIA

Os reformadores do século XVI, em especial Lutero e Melanchthon, criticaram a ideia do abandono dos prazeres físicos em nome de uma santidade mais elevada, pois isso denegriu a vida matrimonial do ser humano. Para tentar solucionar este problema, esses teólogos trouxeram de volta em seus escritos os ensinamentos da Escritura, mostrando que Deus instituiu o matrimônio para o ser humano desfrutar dos prazeres que Deus colocou em seu corpo e fora dele, mas sob uma ordem e decência que o próprio Deus criou. Esses escritos dos reformadores acabaram se tornando documentos confessionais que foram reunidos no *Livro de Concórdia*, formando uma unidade na confissão de fé dos teólogos, bem como dos que passaram a seguir as ideias deles.

A compreensão sobre casamento e sexualidade presente nos documentos confessionais, reunidos no *Livro de Concórdia*, será apresentada neste capítulo.

2.1 CONFISSÃO DE AUGSBURGO

Por causa da influência de Lutero e dos escritos dele, Melanchthon mostra, a partir do Artigo I da *Confissão de Augsburgo*, qual é o correto entendimento sobre o matrimônio e a sexualidade humana, conforme as Escrituras. Neste artigo Melanchthon escreveu que “há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus [...], um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis”.⁸⁷ Entre todas essas coisas criadas por Deus está a sexualidade humana, bem como o casamento. No entanto, em virtude da queda do ser humano,⁸⁸ conforme Melanchthon mostra no Artigo II da *Confissão de Augsburgo*, todos os seres humanos são concebidos e nascem em pecado. Todos “estão plenos de inclinações más, e, por natureza, não podem ter o verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus”.⁸⁹

⁸⁷ MELANCHTHON, Filipe. Confissão de Augsburgo. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Darci Drehmer (ed.). Trad. Arnaldo Schüler. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p.28, I, § 3.

⁸⁸ O relato da queda do ser humano em pecado está registrado na Bíblia, conforme Gênesis 3.

⁸⁹ MELANCHTHON, CA II, LC, 2006, p.29, § 1.

Por causa da queda em pecado, ninguém tem justiça diante de Deus por mérito ou alguma obra própria, mesmo que alguns pensem assim. Conforme Melanchthon mostra no Artigo IV da *Confissão de Augsburgo*, só “recebemos remissão do pecado e nos tornamos justos diante de Deus pela graça, por causa de Cristo, mediante a fé, quando cremos que Cristo padeceu por nós”,⁹⁰ pagando o preço pelo pecado do ser humano. Aqui se tem uma nova criação, onde não há mais o domínio do pecado.

A fé na obra de Cristo é recebida através do ofício da pregação, instituído por Deus. Melanchthon diz no Artigo V da *Confissão de Augsburgo* que Deus também dá, através do ofício da pregação “o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o Espírito Santo, que opera a fé”.⁹¹ No Artigo VI da *Confissão de Augsburgo*, Melanchthon mostra que nesta fé se deve “produzir bons frutos e boas obras, e que, por amor de Deus, se deve praticar toda sorte de boas obras por ele ordenadas”,⁹² vivendo como uma pessoa justificada por Cristo em comunidade. Não há a necessidade de se observar cerimônias especiais instituídas pelos homens.

No entanto, é interessante observar algumas ordenanças pela igreja cristã na qual, conforme Melanchthon mostra no Artigo VII da *Confissão de Augsburgo*, se reúnem todos os cristãos, “entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho”.⁹³ Essas ordenanças podem contribuir para a paz e a boa ordem na igreja, mas conforme Melanchthon descreve no Artigo XV da *Confissão de Augsburgo*, não se devem encher as consciências das pessoas para cumprir essas ordenanças, como se fosse algo necessário para a salvação. Todas as ordenanças ou tradições feitas pelos homens, “pelas quais se pensa merecer graça e satisfazer pecados, são inúteis e contrários ao evangelho”.⁹⁴

⁹⁰ MELANCHTHON, CA IV, LC, 2006, p.30, § 1.

⁹¹ MELANCHTHON, CA V, LC, 2006, p.30, § 1-2.

⁹² MELANCHTHON, CA VI, LC, 2006, p.31, § 1.

⁹³ MELANCHTHON, CA VII, LC, 2006, p.31, § 1.

⁹⁴ MELANCHTHON, CA XV, LC, 2006, p.34, § 1-4.

Porém, através da história da igreja cristã, conforme visto no capítulo anterior, houve um grande abuso por parte das pessoas que ocupavam os cargos mais altos da igreja, falando que era necessário cumprir algumas ordenanças, onde era incluído o celibato entre os padres, para que a salvação fosse conquistada em definitivo.

Para corrigir este abuso da igreja, Wengert⁹⁵ mostra que Melanchthon escreve o Artigo XXIII da *Confissão de Augsburgo*, enfatizando uma imoralidade flagrante e também o procedimento depravado dos sacerdotes, que não foram capazes de permanecer afastados do prazer físico exigido pela igreja, causando um terrível escândalo.⁹⁶ Melanchthon mostra que sacerdotes que aderiram à Reforma casaram-se movidos por grande tormento das consciências deles. Estes sacerdotes, inspirados nas ideias da Reforma, acreditavam nas Escrituras Sagradas, que testemunham claramente que o casamento foi instituído por Deus⁹⁷ para evitar a impureza.⁹⁸ Eles não queriam modificar o mandamento de Deus. Melanchthon escreve:

Se está ou não no poder ou capacidade do homem melhorar ou modificar, sem especial dom e graça de Deus, por resolução ou voto próprios, a criação de Deus, a excelsa Majestade, decidiu-o muito claramente a experiência. Qual o bem, que vida honrosa e casta, que conduta cristã, honesta ou íntegra daí resultou no caso de muitos, quão terrível e pavoroso desassossego e tormento de consciência muitos tiveram no fim da vida por causa disso, é coisa manifesta, e muitos dentre eles o confessaram pessoalmente. Como, pois, a palavra e o mandamento de Deus não podem ser alterados por nenhum voto ou lei humanos, por essas e outras razões e causas os sacerdotes e outros clérigos casaram.⁹⁹

⁹⁵ Timothy J. Wengert. Professor de História do Cristianismo no Lutheran Theological Seminary da Filadélfia, Pensilvânia, EUA. Autor de vários livros e coeditor, juntamente com Robert Kolb, da edição americana do *Livro de Concórdia*, de 2000.

⁹⁶ WENGERT, Timothy J. The Book of Concord and Human Sexuality, Seen Through the Institution of Marriage. In: **Dialog**: A Journal of Theology, volume 48, number 1, march - spring 2009. p.13.

⁹⁷ Gênesis 1.27, ARA: “Criou Deus, pois, o homem e mulher à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”; Gênesis 2.24, ARA: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”.

⁹⁸ 1 Coríntios 7.2, ARA: “mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido”.

⁹⁹ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.42, § 6-9.

Melanchthon continua descrevendo como se sucedeu o desenvolvimento da ordenança do celibato na Alemanha, onde os padres foram forçados a deixar o casamento e fazer o voto de castidade, renegando os prazeres físicos. Claramente, houve grande oposição de todos os padres. No entanto, o celibato clerical foi efetivado com tanta rapidez entre esses padres que não somente os novos casamentos foram proibidos, mas também os matrimônios prolongados tiveram que ser rompidos.¹⁰⁰ Em virtude dessa situação, Prunzel¹⁰¹ comenta que a preocupação de Melanchthon, ao redigir este artigo, estava na ideia de que “a dureza do coração humano pode obscurecer a vontade de Deus revelada em sua palavra”.¹⁰² Melanchthon mostra que, o celibato, sendo obrigatório, coibiu o casamento, algo que o próprio Deus instituiu e deixou livre ao homem. Esta prática nunca produziu qualquer bem, mas introduziu muitos vícios e grandes maldades.¹⁰³

Com isso, conforme Prunzel, Melanchthon propôs que, “à luz do mandamento divino, pode-se novamente celebrar o casamento dos sacerdotes como um remédio à natureza corrupta do ser humano”,¹⁰⁴ caído em pecado, antes de se alastrarem piores e mais vergonhosos atos e vícios. Melanchthon mostra que “ninguém será capaz de alterar ou fazer essas coisas [proibir o casamento] mais sabiamente que o próprio Deus, que instituiu o matrimônio, para socorrer a fragilidade humana e prevenir a impureza”.¹⁰⁵ Melanchthon chega a comentar:

E que prejuízo poderia trazer para a igreja cristã universal o matrimônio dos sacerdotes e do clero, especialmente o dos pastores e de outros que devem servir a igreja? A continuar por mais tempo essa dura proibição do matrimônio, provavelmente haverá falta de sacerdotes e pastores no futuro.¹⁰⁶

¹⁰⁰ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.42-3, § 12-3.

¹⁰¹ Clóvis Jair Prunzel. Pastor na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e professor de Teologia Sistemática no Seminário Concórdia e na Ulbra.

¹⁰² PRUNZEL, Clóvis Jair. **Documentos Confessionais da Reforma**. Canoas: Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, 2015, p.183.

¹⁰³ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.43, § 13.

¹⁰⁴ PRUNZEL, 2015, p.183.

¹⁰⁵ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.43, § 14.

¹⁰⁶ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.43, § 16-7.

Melanchthon diz que foi deplorável não só o matrimônio ter sido proibido, mas também o atrevimento de castigá-lo sem demora, como se casar fosse o pior dos pecados. Ignorou-se completamente o fato de haver Deus ordenado, na Escritura Sagrada, que se tenha pelo estado matrimonial toda a honra. As pessoas foram martirizadas, mesmo sendo inocentes, apenas por causa do casamento.¹⁰⁷ Melanchthon cita o apóstolo Paulo para dizer que proibir o casamento é ensino dos demônios,¹⁰⁸ visto que o diabo é homicida e mentiroso desde o princípio.¹⁰⁹ Ele diz que “bem concordam as duas sentenças, por forma, que realmente devem ser ensinados de demônios proibir o casamento e atrever-se a manter semelhante doutrina com derramamento de sangue”.¹¹⁰

Melanchthon termina o Artigo XXIII da *Confissão de Augsburgo* falando que nada pode modificar os mandamentos de Deus, muito menos um voto pode alterar o preceito divino do casamento, como o celibato.¹¹¹ Melanchthon comenta que, por não conhecer as Sagradas Escrituras, é que a maioria dos sacerdotes e monges acabou aderindo ao celibato, por ignorância.¹¹²

2.2 APOLOGIA DA CONFISSÃO DE AUGSBURGO

Após a apresentação da *Confissão de Augsburgo*, em 1530, alguns teólogos e monges prepararam um documento em oposição às ideias apresentadas.¹¹³ Melanchthon viu-se obrigado a escrever a *Apologia da Confissão*, para defender os

¹⁰⁷ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.44, § 18-21.

¹⁰⁸ 1 Timóteo 4.1-3, ARA: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinados de demônios [...], que proibem o casamento [...] que Deus criou [...]”.

¹⁰⁹ João 8.44: “[...]. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”.

¹¹⁰ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.44, § 23.

¹¹¹ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.44, § 24-5.

¹¹² MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.44, § 26.

¹¹³ MELANCHTHON, Filipe. *Apologia da Confissão*. In: **Livro de Concórdia**: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Darci Drehmer (ed.). Trad. Arnaldo Schüler. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p.97, Prefácio, § 1.

artigos da *Confissão de Augsburgo* que sofreram oposição dos mencionados teólogos e monges. A *Apologia da Confissão* foi publicada em maio de 1531.

Logo no começo do desenvolvimento do Artigo XXIII da *Apologia da Confissão*, Melanchthon acusa os clérigos romanos de não cumprirem seriamente o celibato, pois poucos guardavam a castidade. Melanchthon mostra que os clérigos romanos somente alegavam uma aparência religiosa em benefício próprio, julgando proveitoso o celibato.¹¹⁴

Na sequência do artigo, Melanchthon apresentou uma série de argumentos para defender a posição afirmada na *Confissão de Augsburgo* e reafirmada na *Apologia da Confissão*. Melanchthon trouxe o exemplo de Gênesis, utilizado por Lutero, onde Deus cria os seres humanos para serem fecundos e a fim de uma pessoa de um sexo agrada de maneira conveniente uma pessoa do sexo oposto. Essa inclinação não pode ser eliminada sem uma ordem do próprio Deus, fazendo com que o direito de casar não deva ser proibido por estatutos feitos por homens.¹¹⁵

Melanchthon comentou que os teólogos e monges reconheceram que no início houve o mandamento para que se enchesse a terra, mas estando ela repleta, a ordem de casamento findou. No entanto, Melanchthon mostra que casar é um direito natural do ser humano, é imutável e necessário, considerando que a ideia de que somente no começo houve o mandamento de casamento, e agora não, é algo ridículo.¹¹⁶ Melanchthon diz que:

Ora, direito natural, veramente, é direito divino, por ser ordenação divinamente impressa à natureza. Visto, porém, que esse direito não pode ser mudado sem obra singular de Deus, necessário é que continue o direito de contrair núpcias, porque o apetite natural de um sexo pelo outro é ordenação de Deus na natureza, sendo, em razão disso, um direito.¹¹⁷

Melanchthon comenta que os teólogos e monges pediram que fosse mostrado um preceito para prescrever o matrimônio aos sacerdotes. Melanchthon mostra que, desde a queda em pecado, o homem está repleto de inclinações más.

¹¹⁴ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.254, § 5.

¹¹⁵ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.255, § 7-8.

¹¹⁶ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.255-6, § 9-10.

¹¹⁷ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.256, § 12.

Para tanto, o casamento se faz mais necessário do que o ser humano cair novamente em pecado. Melanchthon usa o exemplo do apóstolo Paulo, que fala do casamento como remédio, e por causa da fragilidade humana, pede para que os moradores de Corinto se casem,¹¹⁸ para prevenir a impureza do pecado.¹¹⁹

Na sequência, Melanchthon mostra que os clérigos e os monges somente falaram alguma coisa para iludir as pessoas que não conheciam o celibato, exigindo a castidade, mesmo que entre eles não fosse praticada. Os clérigos falavam do celibato como um caminho para alcançar a pureza, como se o casamento fosse algo imundo e pecaminoso.¹²⁰ Porém, Melanchthon defendeu que o matrimônio é puro, pois é santificado pela Palavra de Deus. O casamento é lícito, e as Escrituras testificam isso. Cristo chamou o matrimônio de uma conjunção divina.¹²¹ O casamento é santificado pela Palavra de Deus.¹²² Melanchthon diz que “ensinam esses testemunhos que o matrimônio é coisa lícita. Portanto, se pureza significa o que é lícito e aprovado diante de Deus, núpcias são puras, porque foram aprovadas pela palavra de Deus”.¹²³

Melanchthon mostra que os teólogos e monges pensam que o celibato é pureza no sentido que merece justificação mais do que o casamento. Melanchthon repreendeu essa ideia de forma veemente, pois entende que “somos justificados não em virtude de virgindade nem por causa de casamento, mas gratuitamente por causa de Cristo”.¹²⁴ É Cristo quem conquista a remissão dos pecados e a salvação para todos. Cabe a cada um servir fielmente em seu dom e crer que recebe a remissão dos pecados por causa de Cristo, mediante a fé.¹²⁵

¹¹⁸ 1 Coríntios 7.9, ARA: “... é melhor casar do que viver abrasado”.

¹¹⁹ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.256, § 15-6.

¹²⁰ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.258, § 26-7.

¹²¹ Mateus 19.6, ARA: “... o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

¹²² 1 Timóteo 4.4-5, ARA: “pois tudo o que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado”.

¹²³ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.258-9, § 28-9,33.

¹²⁴ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.259, § 36.

¹²⁵ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.260, § 39.

Melanchthon mostrou que está com a consciência tranquila, acreditando que a lei do celibato é contrária à lei divina e natural, vai contra as Escrituras, é supersticiosa e cheia de perigos. Melanchthon afirmou que o evangelho permite o casamento a todos que dele necessitam, incluindo os sacerdotes.¹²⁶ Melanchthon escreve:

Todavia, não constringe ao casamento os que querem ser continentais, contanto que efetivamente o sejam. Pensamos que também aos sacerdotes deve ser concedida essa liberdade, e não queremos compelir pela força ao celibato a quem quer que seja, nem dissolver matrimônios contratados.¹²⁷

Melanchthon, como forma de resumo, trouxe nas partes finais do Artigo XXIII da *Apologia da Confissão* um breve relato sobre as calúnias que os teólogos e monges escreveram, resumindo o que havia dito durante todo o artigo. A lembrar, os teólogos e monges falaram que a lei do celibato foi revelada por Deus, mesmo que os testemunhos da Escritura ordenam que “por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido”.¹²⁸ Também pensavam que os sacerdotes devem ser puros, sem o casamento, mesmo que o evangelho requer a pureza de coração, não requerendo as cerimônias da lei.¹²⁹

Melanchthon comentou que com tais argumentos é que os teólogos e monges defenderam uma lei contrária aos bons costumes, como o celibato. Segundo Melanchthon, Deus pedirá as contas do porquê da quebra de casamentos, do porquê da tortura, do porquê do assassinio dos sacerdotes. Deus vingará esta crueldade, mostrando como são inconsistentes as razões dos adversários em defenderem a lei do celibato. Essa calúnia não subsistirá contra a Palavra de Deus, no juízo final.¹³⁰

Para finalizar, Melanchthon falou que os príncipes que subscreveram a *Confissão de Augsburgo*, e conseqüentemente, a *Apologia da Confissão*, poderão consolar-se com os conselhos dele. Ele diz:

¹²⁶ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.263, § 59-61.

¹²⁷ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.263, § 61.

¹²⁸ 1 Coríntios 7.2, ARA.

¹²⁹ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.264, § 64.

¹³⁰ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.265, § 70.

Aconteça o que acontecer, nossos príncipes poderão consolar-se com a consciência de retos conselhos, porque, suposto os sacerdotes houvessem procedido mal em contrair núpcias, sem embargo, aquele desbarato de matrimônios, aquelas proscricções, aquela crueldade, manifestamente adversam a vontade e a palavra de Deus. E não deleita aos nossos príncipes a novidade ou o dissídio, mas, principalmente em causa não duvidosa, mas cumpria conservar o fundamento da palavra de Deus do que fundamento de todas as outras coisas.¹³¹

2.3 CATECISMOS DE LUTERO

Os teólogos de Wittenberg não se preocuparam apenas em recuperar os ensinamentos baseados na Escritura que foram distorcidos ou simplesmente esquecidos pela igreja medieval. Os teólogos também se preocuparam em mostrar esses ensinamentos para as pessoas, protegendo-as contra o ensino distorcido oferecido pela igreja medieval. Para tanto, os teólogos escreveram manuais de instrução para o povo, que serviram como guias de leitura das Escrituras.

Lutero escreveu dois desses manuais: o *Catecismo Menor* e o *Catecismo Maior*. Prunzel comenta que os catecismos escritos por Lutero servem como guia de instrução de conteúdos da fé cristã para as pessoas, pois revelam os temas centrais das Escrituras.¹³² Ambos os catecismos foram escritos em 1529, porém tinham propósitos diferentes. Prunzel mostra que Lutero planejou os catecismos para que fossem ensinados numa sequência onde, primeiramente, o chefe da família deveria ensinar os outros membros da família na própria casa, da forma mais simples possível, os ensinamentos bíblicos com o *Catecismo Menor*. Na sequência, para os pastores que precisariam pregar sobre esses ensinamentos na igreja, escreveu o *Catecismo Maior*.¹³³

Um dos conteúdos contemplados nos catecismos de Lutero refere-se à sexualidade humana e ao casamento. Prunzel comenta que “Lutero toma a iniciativa de resgatar o sentido original da Palavra de Deus sobre a sexualidade à luz da

¹³¹ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.265, § 71.

¹³² PRUNZEL, Clóvis Jair. **Os catecismos de Lutero para o povo de Deus**. Porto Alegre: Concórdia, 2017, p.23.

¹³³ PRUNZEL, 2017, p.14.

criação do Gênesis”,¹³⁴ mostrando que a sexualidade é estabelecida por Deus na criação. Antes mesmo da queda em pecado do ser humano, Deus diz que homem e mulher devem unir-se.¹³⁵

Prunzel comenta que “Lutero recupera a história de Deus com seu povo. Coloca novamente Deus em ação e aproxima Deus o Criador de suas criaturas”,¹³⁶ mostrando que, “segundo o relato de Gênesis 1, Deus realiza a sua criação no ambiente doméstico, e, neste ambiente, ele organiza a sociedade humana”.¹³⁷ Para Lutero, o casamento é a primeira instituição de Deus, pois quando explica o Quarto Mandamento, Lutero mostra que “Deus distinguiu o estamento paterno e materno de modo especial, acima de todos os estados que estão abaixo de Deus. [...] separa e destaca pai e mãe acima de todas as outras pessoas na terra e os põe ao lado dele”.¹³⁸

Lutero mostra, ao explicar o Sexto Mandamento no *Catecismo Maior*, que “Deus quer o cônjuge de cada um circunvalado e resguardado, para que ninguém, ilicitamente, ponha as mãos nele”.¹³⁹ Deus conferiu honra e louvor ao matrimônio, protegendo-o através de Sua Palavra. Por isso Lutero afirma que, a respeito do casamento, Deus

[...] também quer que o honremos, mantenhamos e vivamos como estado divino e bendito. Pois que o instituiu antes dos demais e criou, diversamente, homem e mulher, como é conveniente, não para maroteira, sim, para que permaneçam unidos, sejam fecundos, gerem filhos e os sustentem e eduquem para a honra de Deus.¹⁴⁰

Lutero conferiu tanta importância ao casamento, que chega a afirmar que

¹³⁴ PRUNZEL, 2017, p.66.

¹³⁵ Gênesis 2.24, ARA: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”.

¹³⁶ PRUNZEL, 2017, p.58.

¹³⁷ PRUNZEL, 2017, p.57.

¹³⁸ LUTERO, CM, LC, 2006, p.411, § 105.

¹³⁹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 205.

¹⁴⁰ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 206-7.

[...] a vida matrimonial não é assunto para brincadeira ou curiosidade atrevida; é, isto sim, coisa excelente e matéria de divina seriedade. Pois é de importância suprema aos olhos de Deus que se eduquem homens que prestam serviços ao mundo, promovendo o conhecimento de Deus, vida piedosa e todas as virtudes, para lutar contra a maldade e o diabo.¹⁴¹

Prunzel mostra que Lutero, quando explicou o significado do Sexto Mandamento no *Catecismo Menor*, não mostrou de que forma se peca contra este mandamento, como mostra em outros. Lutero descreveu somente os elementos positivos, não estimulando o sentido das pessoas para pecar contra este mandamento.¹⁴² Lutero mostra que “devemos temer e amar a Deus, de maneira que vivamos vida casta e decente em palavras e ações, e cada qual ame e honre seu consorte”.¹⁴³

Segundo Prunzel, outra razão para que se volte ao estado original da sexualidade no casamento é por necessidade.¹⁴⁴ Lutero mostra que

[...] onde a natureza opera tal como foi implantada por Deus, não é possível manter-se casto fora do casamento, pois carne e sangue sempre são carne e sangue, e a inclinação e excitação naturais operam sem barreira, desimpedida, conforme cada qual vê e sente. Por isso, a fim de que fosse tanto mais fácil evitar, em certa medida, a incastidade, Deus ordenou o estado matrimonial, de modo que cada um tenha a porção a ele destinada e com ela se contente.¹⁴⁵

Com isso, vê-se a crítica veemente de Lutero às pessoas que não se casavam por obrigações implantadas pela igreja medieval, pois essas pessoas não cumpriam as ordenações da igreja. Lutero diz que, dessa forma,

[...] vês como a nossa turba papal, sacerdotes, monges, monjas, resiste à ordem e ao mandamento de Deus. Desprezam e proíbem o matrimônio e ousam e juram observar castidade perpétua. Além disso, iludem as pessoas simples com palavras mentirosas e falsas aparências. Porque ninguém tem menos amor e inclinação à castidade do que, exatamente, aqueles que evitam o matrimônio por causa da sua grande santidade ou porque vivem

¹⁴¹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 208.

¹⁴² PRUNZEL, 2017, p.65-6.

¹⁴³ LUTERO, Cm, LC, 2006, p.368, § 12.

¹⁴⁴ PRUNZEL, 2017, p.66.

¹⁴⁵ LUTERO, CM, LC, 2006, p.427, § 212.

pública e descaradamente em prostituição ou, secretamente, fazem coisa ainda pior, [praticando] tais atos que a gente nem ousa mencionar.¹⁴⁶

Prunzel comenta que “a própria experiência matrimonial de Lutero o levou a perceber como Deus fala através da vida diária”.¹⁴⁷ Lutero percebeu que o matrimônio é um estado abençoado e agradável a Deus e, por causa disso, ele pôde estimular as pessoas que viviam sob as obrigações impostas pela igreja medieval a mudarem de vida. Lutero diz que, por causa do Sexto Mandamento,

[...] se ordena a todas as pobres consciências cativas, ludibriadas por seus votos monásticos, que saiam do estado incasto e ingressem na vida matrimonial, à vista do fato de que, embora a outros respeito fosse agradável a Deus a vida monacal, todavia, não está em seu poder manterem-se castos e, se permanecerem nisso, mais e mais terão de pecar contra este mandamento.¹⁴⁸

Lutero mostra que o Sexto Mandamento não exige somente que cada pessoa viva de maneira casta em pensamentos, ações e palavras. Onde se ame e tenha apreço pelo cônjuge dado por Deus, a vida casta será espontânea, não precisando de ordem para acontecer. Lutero diz que

[...] onde se quer manter castidade conjugal, importa, acima de tudo, que homem e mulher convivam em amor e concórdia, para que um queira ao outro de coração e com fidelidade integral. Esse é um dos principais dentre os elementos que engendram amor e vontade para a vida casta.¹⁴⁹

2.4 ARTIGOS DE ESMALCALDE

Nos primeiros anos da Reforma, Lutero e os outros teólogos de Wittenberg insistiram em um concílio geral da igreja, onde pudessem ser expostas questões doutrinárias sobre as quais não havia consenso entre a igreja medieval e os teólogos de Wittenberg. O concílio não aconteceu de forma imediata, ocorrendo somente em Trento, no ano de 1545.

¹⁴⁶ LUTERO, CM, LC, 2006, p.427, § 213-4.

¹⁴⁷ PRUNZEL, 2017, p.67.

¹⁴⁸ LUTERO, CM, LC, 2006, p.427, § 216.

¹⁴⁹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.428, § 219.

Antes desse concílio, o papa Paulo III¹⁵⁰ escreveu uma bula que confrontou os luteranos com a necessidade de definir uma posição frente a este concílio. Por causa disso, o Príncipe-Eleitor João Frederico da Saxônia pediu que Lutero preparasse uma exposição de artigos que mostrasse qual era a doutrina na qual eles criam, indicando o caminho que os teólogos e representantes deveriam seguir no concílio.¹⁵¹ Quando o documento com os artigos estava pronto, o Príncipe-Eleitor João Frederico da Saxônia levou o documento até Esmalcalde, onde os artigos escritos por Lutero foram discutidos. Muitos dos membros que estavam presentes subscreveram os artigos, mostrando a adesão à fé cristã que estava descrita nos artigos escritos por Lutero.

Na época que escreveu os *Artigos de Esmalcalde*, no final de 1536, Lutero estava com a saúde fragilizada e não acreditava que ele poderia ver um concílio se realizar para que essas questões fossem discutidas. Por causa disso, Lutero deixa os *Artigos de Esmalcalde* como um testamento teológico para as pessoas que viveriam depois dele, mostrando no que Lutero acreditava e pretendia ficar fiel até os últimos dias de vida.¹⁵²

Lutero dividiu os *Artigos de Esmalcalde* em três partes. Na primeira parte, Lutero tratou de artigos que falam da majestade divina. Lutero comenta que “não há discórdia nem controvérsia em torno desses artigos, já que ambos os partidos os confessam. Razão por que é desnecessário deles tratar mais extensamente agora”.¹⁵³

Na segunda parte, Lutero abordou os artigos que dizem respeito ao ofício e obra de Cristo para a redenção do ser humano. Lutero mostrou que, nos artigos descritos nesta parte, haveria muito conteúdo para os opositores de Lutero condenarem no concílio, mas confortou quem subscreveu os artigos afirmando que

¹⁵⁰ Papa Paulo III. 220º papa da Igreja Católica. Iniciou o pontificado em 1534, terminando em 1549. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/paolo-iii.html>>. Acesso em 13 set. 2017.

¹⁵¹ LUTERO, Martinho. Artigos de Esmalcalde. In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Darci Drehmer (ed.). Trad. Arnaldo Schüler. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006. p.307, Prefácio, § 1.

¹⁵² LUTERO, LC, AE, 2006, p.308, Prefácio § 3.

¹⁵³ LUTERO, AE, LC, 2006, p.312.

“disso devemos estar certos e fiar-nos na esperança de que Cristo, nosso Senhor, atacou seu adversário e se imporá com seu Espírito e sua volta”.¹⁵⁴

Na terceira parte, Lutero tratou de artigos que tinha certeza que seus opositores não pretenderiam sequer ouvir. Lutero diz que, “sobre os artigos seguintes podemos tratar com pessoas eruditas, ou entre nós mesmos. O papa e seu reino não lhes têm grande estima. Pois *conscientia* nada lhes vale, mas dinheiro, honra e poder lhes é tudo”.¹⁵⁵

No Artigo XI dessa terceira parte, Lutero abordou o assunto do casamento dos sacerdotes. Como fez em outros escritos, Lutero repreendeu a igreja medieval a respeito do celibato. Lutero fala que, ao proibir o casamento, “nenhuma razão lhes assistiu, senão que atuaram nisso como anticristãos, tirânicos e infames patifes, dando, com isso, motivo a toda espécie medonhos, horrorosos e incontáveis pecados de impudícia, nos quais estão atolados até hoje”.¹⁵⁶

Lutero afirmou que não estava disposto a consentir com o celibato, nem tolerá-lo, estando a favor do matrimônio. Lutero desejava que o matrimônio fosse livre, tal como Deus ordenou e instituiu, não querendo desmanchar esta obra de Deus, pois isto é “doutrina de demônios”.¹⁵⁷ Lutero diz que

[...] como nem a nós nem a eles foi dado o poder de transformar um homem em mulher ou uma mulher em homem, ou o poder de suprimir totalmente a diferença entre os sexos, da mesma forma eles também não tiveram o poder de separar tais criaturas de Deus ou proibir-lhes de viverem juntas, honradamente e em matrimônio.¹⁵⁸

¹⁵⁴ LUTERO, AE, LC, 2006, p.322, § 15.

¹⁵⁵ LUTERO, AE, LC, 2006, p.322.

¹⁵⁶ LUTERO, AE, LC, 2006, p.338, § 1.

¹⁵⁷ 1 Timóteo 4.1-3, ARA: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios [...], que proibem o casamento [...] que Deus criou [...]”.

¹⁵⁸ LUTERO, AE, LC, 2006, p.338, § 2.

3 O CASAMENTO E A SEXUALIDADE NOS DIAS ATUAIS

Como já descrito nos capítulos anteriores, a visão bíblica e confessional sobre o casamento e a sexualidade foi deturpada ao longo dos séculos, desde o início do cristianismo até a Idade Média. A igreja medieval foi para um extremo, pregando a ideia do ser humano se abster dos prazeres físicos da carne em nome de uma santidade mais elevada. Durante a Reforma, com o retorno às Escrituras Sagradas, surgiu a oportunidade de redescobrir o que Deus tem a dizer sobre o casamento e a sexualidade humana

Entretanto, nos dias atuais, a compreensão sobre o casamento e a sexualidade foi para outro extremo, defendendo-se liberdade para tudo acontecer. Está se propondo, inclusive, a união entre pessoas do mesmo sexo, mostrando que a visão bíblica sobre o casamento e a sexualidade foi novamente abandonada, não havendo respeito pela criação de Deus. Por isso, se faz necessário olhar com cuidado os escritos dos reformadores do século XVI, em especial os escritos de Lutero e de Melanchthon presentes no *Livro de Concórdia*, para verificar o contraponto à situação atual.

O tratamento que a sociedade atual está dando ao casamento e à sexualidade e o contraponto dos reformadores serão apresentados neste capítulo.

3.1 CASAMENTO E DIVÓRCIO

Conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o brasileiro está se casando mais. Em 2014, ocorreram no Brasil cerca de 1,1 milhão de casamentos o que, segundo o IBGE, representa um aumento de 5,1% em relação a 2013. No entanto, a duração média dos matrimônios está diminuindo. Entre os anos de 1984 e 2014 a duração média do casamento diminuiu de 19 para 15 anos.¹⁵⁹

A facilidade para o divórcio contribuiu para que a duração média dos casamentos diminuísse. Conforme o próprio IBGE, entre 1984 e 2014, o número

¹⁵⁹ **Registro Civil 2014:** Brasil teve 4.854 casamentos homoafetivos. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/15160-registro-civil-2014-brasil-teve-4-854-casamentos-homoafetivos.html>>. Acesso em 13 out. 2017.

passou de 30.847 divórcios para 341.181 divórcios, um aumento de dez vezes. Para a revista Veja, o divórcio ganhou força desde 2010, pois

[...] com o fim da necessidade de separação prévia do casal (ou seja, quem quer desfazer o casamento passou a poder se divorciar a qualquer momento, extinguindo-se os prazos que eram obrigatórios para dar entrada no pedido). A facilitação do divórcio também elevou a estatística de novos casamentos, pois as pessoas passaram a ficar livres para novas uniões mais rapidamente.¹⁶⁰

Esses dados do IBGE mostram que não há o devido respeito pelo casamento. As pessoas consideram o casamento como algo onde só o ser humano decide, se esquecendo de quem instituiu o casamento. O respeito pelo cônjuge é mínimo, valendo até que aconteça a primeira briga. A partir disso, a confiança entre o casal é quebrada, evoluindo até o divórcio.

Lutero mostra em seu *Catecismo Maior* que o casamento é a primeira instituição que Deus criou na terra. Deus mostra um grande interesse no casamento, pois através do casamento Deus cria e sustenta a vida humana. Lutero, ao explicar o Sexto Mandamento, mostra como Deus confere honra e louvor ao matrimônio, protegendo-o através de Sua Palavra. Para Lutero, “com esse mandamento, Deus quer que o cônjuge de cada um circunvalado e resguardado, para que ninguém, ilicitamente, ponha as mãos nele”.¹⁶¹ Lutero observa que, no casamento, “se ame e tenha em apreço o cônjuge, dado por Deus. Porque [...] importa, acima de tudo, que homem e mulher convivam em amor e concórdia, para que um queira ao outro de coração e com fidelidade integral”.¹⁶²

Lutero admite, em outros escritos teológicos, que o divórcio possa acontecer, mas somente em casos que um dos cônjuges não quer prestar ao outro o dever conjugal ou quando um dos cônjuges não quer a companhia do outro cônjuge.¹⁶³ Lutero também admite o divórcio em casos de adultério, onde a parte

¹⁶⁰ Veja.com – Da Redação. **IBGE**: Brasileiro está se casando mais, mas união dura menos. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/ibge-brasileiro-esta-se-casando-mais-mas-uniao-dura-menos/>>. Acesso em 15 out. 2017.

¹⁶¹ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 205.

¹⁶² LUTERO, CM, LC, 2006, p.428, § 219.

¹⁶³ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.172.

inocente pode se casar novamente.¹⁶⁴ No entanto, conforme Nestingen, Lutero foi relutante em apoiar o divórcio, pois a fé tem prioridade, fazendo a pessoa agir além do que a lei instrui a fazer.¹⁶⁵

Lutero mostra que Deus destinou e conferiu ao matrimônio tudo “quanto há no mundo, a fim de que esse estado, sem falta, estivesse bem e copiosamente provido”.¹⁶⁶ Por causa disso, Lutero considera que o casamento não é assunto para brincadeira, como ocorre nos dias atuais, onde não há o respeito entre um cônjuge e outro. Lutero considera que o matrimônio

[...] é, isto sim, coisa excelente e matéria de divina seriedade. Pois é de importância suprema aos olhos de Deus que se eduquem homens que prestam serviços ao mundo, promovendo o conhecimento de Deus, vida piedosa e todas as virtudes, para lutar contra a maldade e o diabo.¹⁶⁷

3.2 CASAMENTO HOMOAFETIVO

Os dados a respeito da diminuição da média de anos que um casamento dura, bem como o aumento do número de divórcios são preocupantes, mostrando que não há o devido respeito pelo casamento. Entretanto, o dado da pesquisa do IBGE que mais preocupa é o crescimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Em 14 de maio de 2013, o então presidente do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o ministro Joaquim Barbosa, publicou uma resolução obrigando as autoridades competentes a celebrar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Caso houvesse recusa, um juiz corregedor seria comunicado para que fossem tomadas as providências cabíveis.¹⁶⁸ Essa resolução contribuiu para que esse tipo de casamento explodisse. Segundo o IBGE, até o final do ano de 2013, foram registrados 3.701 casamentos homoafetivos. No ano seguinte, em 2014, foram

¹⁶⁴ LUTERO, *Da Vida Matrimonial*. In: OSel 5, 2011, p.170.

¹⁶⁵ NESTINGEN, 2003, p.33.

¹⁶⁶ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 207-8.

¹⁶⁷ LUTERO, CM, LC, 2006, p.426, § 208.

¹⁶⁸ RESOLUÇÃO Nº 175 de 14/05/2013. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504>>. Acesso em 15 out. 2017.

registrados 4.854 matrimônios entre pessoas do mesmo sexo, 31,2% a mais do que em 2013.¹⁶⁹

Com esta resolução, o casamento entre pessoas do mesmo sexo passou a ter o mesmo valor do que o casamento de pessoas de sexos diferentes, tendo os mesmos direitos. As pessoas homossexuais passaram a se sentir parte da sociedade, pois conforme reportagem de Paula Andrade, da agência de notícias do CNJ, foi permitida a “inclusão em plano de saúde e seguro de vida, pensão alimentícia, direito sucessório, divisão de bens adquiridos, entre outros”.¹⁷⁰

Esses dados do IBGE continuam comprovando que as pessoas estão abandonando os ensinamentos bíblicos a respeito do casamento. As pessoas consideram que se pode viver do jeito que imaginar, corrompendo o que foi criado por Deus. Elas também querem que a sociedade aceite essa situação, utilizando grandes redes de comunicação para que suas ideias sejam divulgadas como corretas.

Melanchthon mostra, a partir do Artigo I da *Confissão de Augsburgo*, qual é o correto entendimento sobre o matrimônio e a sexualidade humana, conforme as Escrituras. Neste artigo Melanchthon escreveu que “há uma só essência divina, que é chamada Deus e verdadeiramente é Deus [...], um só criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis”.¹⁷¹ Entre todas essas coisas criadas por Deus está a sexualidade humana, bem como o casamento. No entanto, em virtude da queda do ser humano em pecado, conforme Melanchthon mostra no Artigo II da *Confissão de Augsburgo*, todos “estão plenos de inclinações más, e, por natureza, não podem ter o verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus”,¹⁷² o que inclui o desrespeito à Palavra de Deus e Sua criação.

¹⁶⁹ **Registro Civil 2014:** Brasil teve 4.854 casamentos homoafetivos. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/15160-registro-civil-2014-brasil-teve-4-854-casamentos-homoafetivos.html>>. Acesso em 13 out. 2017.

¹⁷⁰ ANDRADE, Paula. **IBGE contabiliza mais de 8.500 casamentos homoafetivos desde regra do CNJ.** Disponível em: <<http://cnj.jus.br/noticias/cnj/82813-ibge-contabiliza-mais-de-8-500-casamentos-homoafetivos-desde-regra-do-cnj>>. Acesso em 16 out. 2017.

¹⁷¹ MELANCHTHON, CA I, LC, p.28, § 3.

¹⁷² MELANCHTHON, CA II, LC, 2006, p.29, § 1.

Prunzel comenta que Melanchthon, no século XVI, estava preocupado com a ideia de que “a dureza do coração humano pode obscurecer a vontade de Deus revelada em sua palavra”.¹⁷³ No entanto, o que é verificado nos dias atuais não é muito diferente do que Melanchthon percebeu em seus dias. Como Melanchthon percebeu no século XVI o desrespeito à criação de Deus em virtude do celibato, nos dias atuais também se ignorou completamente o fato de haver Deus ordenado, na Escritura Sagrada, que se tenha pelo estado matrimonial toda a honra.¹⁷⁴ O casamento homoafetivo desrespeita o que Deus diz em sua Palavra:

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.¹⁷⁵

Nesses versículos se pode ver que Deus criou os seres humanos de sexos diferentes. Conforme o que Deus criou, duas pessoas do mesmo sexo não conseguirão multiplicar o ser humano. Deus mostra que para haver a procriação do ser humano, o homem deixa “pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”.¹⁷⁶ Na *Apologia da Confissão*, Melanchthon mostra que Deus cria os seres humanos para serem fecundos e a fim de uma pessoa de um sexo agradar de maneira conveniente uma pessoa do sexo oposto.¹⁷⁷

O casamento entre pessoas do mesmo sexo é algo condenável pela Palavra de Deus. Melanchthon mostra que o matrimônio é puro, pois é santificado pela Palavra de Deus. O próprio Cristo chamou o matrimônio de uma conjunção divina.¹⁷⁸

¹⁷³ PRUNZEL, 2015, p.183.

¹⁷⁴ MELANCHTHON, CA XXIII, LC, 2006, p.44, § 18-21.

¹⁷⁵ Gênesis 1.27-28, ARA.

¹⁷⁶ Gênesis 2.24, ARA.

¹⁷⁷ MELANCHTHON, Ap. XXIII, LC, 2006, p.255, § 7-8.

¹⁷⁸ Mateus 19.6, ARA: “... o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

O casamento é santificado pela Palavra de Deus.¹⁷⁹ O matrimônio é coisa lícita e pura se celebrado conforme a Palavra de Deus e não conforme o que os homens ensinam e defendem, como o casamento homoafetivo.

Lutero, quando escreveu os *Artigos de Esmalcalde*, desejava que o matrimônio fosse livre, tal como Deus ordenou e instituiu, não querendo desmanchar esta obra de Deus.¹⁸⁰ O casamento entre pessoas do mesmo sexo se torna “doutrina de demônios”,¹⁸¹ pois desfaz o casamento que Deus instituiu que serve para a criação e manutenção do ser humano.

3.3 TRANSTORNO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

No mundo dos dias atuais a questão do “gênero” tornou-se uma questão de incerteza. Em vez de masculino ou feminino, muitas pessoas veem o gênero como uma questão relativa. Eles consideram que a identidade sexual do ser humano é uma questão de descoberta pessoal, ao invés do que uma realidade que é dada no momento da concepção.

Conforme a pesquisa da Commission on Theology and Church Relations da Lutheran Church – Missouri Synod (CTCR-LCMS – Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Luterana do Sínodo de Missouri), na American Psychiatric Association’s (APA – Associação Americana de Psiquiatria), para que uma pessoa seja diagnosticada com transtorno de identidade de gênero é necessário que ela apresente um “desconforto persistente sobre o sexo atribuído ou um sentimento de inadequação no papel de gênero desse sexo”.¹⁸²

Segundo o artigo da CTCR-LCMS, falar em transtorno de gênero implicou em uma polêmica na comunidade psicoterapêutica, pois muitos consideraram que a

¹⁷⁹ 1 Timóteo 4.4-5, ARA: “pois tudo o que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado”.

¹⁸⁰ LUTERO, AE, LC, 2006, p.338, § 3.

¹⁸¹ 1 Timóteo 4.1-3, ARA: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios [...], que proibem o casamento [...] que Deus criou [...]”.

¹⁸² Commission on Theology and Church Relations. The Lutheran Church—Missouri Synod. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective**. Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “Persistent discomfort about one’s assigned sex or a sense of inappropriateness in the gender-role of that sex”.

identificação com um gênero diferente daquele que foi atribuído na concepção fosse uma “desordem”. No entanto, a reflexão moral sobre o transtorno de identidade de gênero foi progressivamente excluída dos campos da psicologia e da psiquiatria. A pesquisa da CTCR-LCMS mostra que

A eliminação da homossexualidade da lista de distúrbios psiquiátricos em 15 de dezembro de 1973 é um exemplo relevante. Essa eliminação foi fundamentada principalmente na convicção de que era um julgamento de valor moral para declarar a homossexualidade como um transtorno psiquiátrico que deveria ser tratado.¹⁸³

A CTCR-LCMS compreende que o debate contínuo sobre a conduta homossexual nos Estados Unidos, como também em outras partes do mundo

[...] é, em grande medida, um debate entre uma compreensão bíblica e tradicionalmente cristã da qualidade moral do comportamento homossexual e a compreensão adotada por uma porcentagem crescente daqueles na comunidade psiquiátrica desde 1973, que a homossexualidade é uma condição natural ou uma alternativa de estilo de vida válido.¹⁸⁴

Algumas pessoas pressionam por mudanças no entendimento da igreja sobre o comportamento homossexual, a partir do entendimento da APA de 1973. Conforme o artigo da CTCR-LCMS, as pessoas que pressionam a igreja afirmam que deve haver liberdade para se expressar os sentimentos de desejo por alguém outro, independentemente do gênero. Para tais pessoas “não se deve procurar negar tais desejos ou se sentir obrigado a restringir seu contato sexual apenas ao sexo oposto”.¹⁸⁵

¹⁸³ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “The elimination of homosexuality from the list of psychiatric disorders on December 15, 1973 is a relevant example. That elimination was grounded primarily in the conviction that it was a moral value judgment to declare homosexuality a psychiatric disorder that should be treated”.

¹⁸⁴ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “is in large measure a debate between a biblical and traditionally Christian understanding of the moral quality of homosexual behavior and the understanding, adopted by an increasing percentage of those in the psychiatric community since 1973, that homosexuality is either a natural condition or a valid lifestyle alternative”.

¹⁸⁵ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “... should not seek to deny such desires or feel compelled to restrict his or her sexual contact only to the opposite sex”.

No entanto, a CTCR-LCMS afirma que toda a tradição cristã e a maioria das igrejas cristãs se opõem a tais mudanças. A base para tal oposição é precisamente porque a sexualidade é entendida como um aspecto da criação do ser humano por Deus. O artigo da CTCR-LCMS mostra que

[...] a encarnação humana indica de forma simples e eloquente a intenção de Deus para a atividade sexual - que homens e mulheres, tornando-se “uma só carne”, podem acabar com sua solidão na unidade vitalícia uns com os outros e, de acordo com a benção de Deus, na procriação de crianças (Gênesis 1.26- 28; Gênesis 2.18-24). Os desejos e as atividades homossexuais ou bissexuais são, portanto, vistos como aberrantes (ver Gênesis 19.4-11; Levítico 18.22; 20.13; Romanos 1.24-27; 1 Coríntios 6.9; 1 Timóteo 1.10) porque contradiz o significado e o propósito de sua personagem como homem ou mulher.¹⁸⁶

A visão bíblica, afirmando ser uma aberração os desejos e atividades homossexuais, não é irreal sobre a natureza humana em um mundo caído. A CTCR-LCMS afirma que é verdade que o resultado do pecado é que desejos e comportamentos se tornam desordenados. A CTCR-LCMS mostra que

Do ponto de vista de nossos corpos - que é o único meio objetivo de determinar quem é masculino ou feminino - temos uma identidade dada por Deus que é masculina ou feminina. Alguém é um homem ou uma mulher porque é isso que o corpo dado por Deus indica.¹⁸⁷

O cristianismo entende a homossexualidade, a bissexualidade ou a identidade transgênera e o desejo dentro de um quadro moral global. A CTCR-LCMS afirma que o cristianismo

[...] procura seguir a lei natural (a verdade objetiva de nossos corpos) e a verdade revelada das Sagradas Escrituras, mesmo que a verdade dessas

¹⁸⁶ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “Human embodiment indicates simply and eloquently God’s intention for sexual activity—that male and female by becoming ‘one flesh’ might end their aloneness in lifelong unity with one another and, according to God’s blessing, in the procreation of children (Gen 1:26-28; Gen 2:18-24). Homosexual or bisexual desire and activity is therefore viewed as aberrant (see Gen 19:4-11; Lev 18:22; 20:13; Rom 1:24-27; 1 Cor 6:9; and 1 Tim 1:10), because it contradicts the meaning and purpose of one’s embodiment as male or female.”.

¹⁸⁷ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “From the standpoint of our bodies—which is the only objective means of determining who is male or female—we have a God-given identity that is either masculine or feminine. One is a man or a woman because that is what the body given by God indicates”.

fontes transmitam conflitos com opiniões societárias ou profissionais, como a psicologia ou a psiquiatria.¹⁸⁸

Conforme o artigo da CTCR-LCMS, “Jesus [...] fundamenta a moralidade sexual não só na Palavra reveladora, mas também na natureza criada do ser humano”.¹⁸⁹ Ao condenar o divórcio, Jesus mostra que desde o início Deus fez o ser humano homem ou mulher,¹⁹⁰ apontando que “deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”.¹⁹¹ O apóstolo Paulo fala no mesmo contexto da criação de homem e mulher, discutindo a moral sexual na vida conjugal e singular,¹⁹² mostrando o chamado para viver a vida que foi dada ao ser humano,¹⁹³ servindo a Deus no dia a dia.¹⁹⁴

Dentro da tradição teológica luterana, a relevância da explicação do Primeiro Artigo do Credo por Lutero é notável para a discussão sobre o transtorno da identidade de gênero. A CTCR-LCMS argumenta que, tendo confessado: “Creio em Deus, o Pai Todo-Poderoso, CRIADOR do céu e da terra”,¹⁹⁵ Lutero mostra que o significado disso é diretamente aplicável a essa discussão: “Creio que Deus me

¹⁸⁸ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “It seeks to follow natural law (the objective truth of our bodies) and the revealed truth of Holy Scriptures, even if the truth these sources convey conflicts with societal or professional opinions, such as that of psychology or psychiatry”.

¹⁸⁹ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “Jesus [...] grounds sexual morality not only in revelatory truth, but also in our created nature”.

¹⁹⁰ Mateus 19.4, ARA: “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher”.

¹⁹¹ Gênesis 2.24, ARA.

¹⁹² 1 Coríntios 6.20, ARA: “[...] Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”.

¹⁹³ 1 Coríntios 7.17,24, ARA: “Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado [...]. Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado”.

¹⁹⁴ 1 Coríntios 7.32, ARA: “O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor”.

¹⁹⁵ LUTERO, Cm, LC, 2006, p.370, § 1.

criou a mim e a todas as criaturas; e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros [...]”.¹⁹⁶ O artigo da CTCR-LCMS afirma que

Declarar fé na obra da criação de Deus em nossas vidas é confessar que nossos corpos, com todas as suas partes - incluindo nossos órgãos sexuais - são dados por Deus, nosso Pai celestial. As partes do corpo são organizadas e designadas “cada uma delas, como ele escolheu” (1 Coríntios 12.18). É dessa consideração da criação do corpo humano com todos os seus membros que o apóstolo inspirado desenvolve então a imagem rica e bela da igreja como o corpo de Cristo com todos os seus membros.¹⁹⁷

Portanto, uma abordagem bíblica da moral sexual não é simplesmente fundamentada em passagens isoladas da Bíblia. A CTCR-LCMS argumenta que a moral sexual é fundamentada primeiro na natureza do ser humano como criação de Deus, conforme entendido nas Escrituras. O estudo da CTCR-LCMS mostra que, em virtude de o cristianismo levar a sério o corpo humano como criação de Deus,

[...] é obrigado a vê-lo como uma desordem da criação se um homem ou uma mulher sente desconforto com o seu corpo e desejar vestir-se e agir à maneira do sexo oposto ou “mudar” seu sexo por meio de hormônios ou cirurgia. Em última análise, tais sentimentos ou ações são violações infrutíferas de nossa natureza. Tal cirurgia, por exemplo, não alterará a composição cromossômica do indivíduo, mas só mutilará o corpo que Deus deu.¹⁹⁸

¹⁹⁶ LUTERO, Cm, LC, 2006, p.370, § 2.

¹⁹⁷ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “To declare faith in the work of God’s creation in our lives is to confess that our bodies, with all their parts—including our sexual organs—are given to us by God our heavenly Father. The parts of the body are arranged and appointed “each one of them, as he chose” (1 Cor 12:18). It is from this consideration of the creation of the human body with all its members that the inspired apostle then develops the rich and beautiful image of the church as the body of Christ with all its members”.

¹⁹⁸ CTCR-LCMS. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective.** Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017. Texto original: “[...] it is compelled to view it as a disorder of creation if a man or woman feels discomfort with his or her body and desires either to dress and act in the manner of the opposite sex or to “change” his or her sex by means of hormones or surgery. Ultimately, such feelings or actions are fruitless violations of our nature. Such surgery, for example, will not change the individual’s chromosomal makeup, but will only mutilate the body God has given”.

CONCLUSÃO

Conforme foi demonstrado nesta monografia, a visão bíblica a respeito da sexualidade humana e do casamento foi abandonada. Na igreja da Idade Média a compreensão foi para um extremo, em que era defendida a completa renúncia aos prazeres sexuais em busca de uma santidade mais elevada, para conquistar a salvação. Isso incluía os padres, que deveriam estar puros para poder celebrar a missa.

Os reformadores do século XVI, em especial Lutero e Melanchthon, mostram em seus escritos, que se tornaram documentos confessionais presentes no *Livro de Concórdia*, que a abstinência sexual é possível, mas não deve ser regulamentada. Os reformadores afirmam que os homens foram criados por Deus para serem fecundos e a fim de uma pessoa de um sexo agradar de maneira conveniente a pessoa do sexo oposto. Por isso o celibato não pode ser fundamentado na Escritura Sagrada, pois não é natural e leva ao pecado.

Nos dias atuais, o entendimento foi para outro extremo, com a liberdade total, quando até mesmo a união do mesmo sexo é proposta. Mas olhando para os documentos confessionais presentes no *Livro de Concórdia*, se conclui que o ser humano foi criado por Deus para desfrutar os prazeres que Deus colocou no corpo humano e fora dele. Porém, sob a ordem e decência que o próprio Deus criou. O sexo é uma benção de Deus, quando vivido dentro de um relacionamento entre pessoas de sexos diferentes, em que haja amor, comprometimento e respeito.

Pode-se concluir, nesta monografia, que a compreensão sobre a sexualidade humana e o casamento encontrada nos documentos confessionais presentes no *Livro de Concórdia* é a correta, pois defende o casamento como uma instituição divina, onde o próprio Deus cria e sustenta a vida humana. Com isso, se demonstra que a pesquisa foi útil para esclarecer o correto entendimento sobre a sexualidade humana e o casamento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula. **IBGE contabiliza mais de 8.500 casamentos homoafetivos desde regra do CNJ**. Disponível em: <<http://cnj.jus.br/noticias/cnj/82813-ibge-contabiliza-mais-de-8-500-casamentos-homoafetivos-desde-regra-do-cnj>>. Acesso em 16 out. 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero**. Almeida Revista e Atualizada, 2. ed. 1988, 1993. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

Commission on Theology and Church Relations. The Lutheran Church—Missouri Synod. **Gender Identity Disorder or Gender Dysphoria in Christian Perspective**. Disponível em: <<https://www.lcms.org/docs/3012>>. Acesso em 16 out. 2017.

Da Redação – Veja.com. **IBGE: brasileiro está se casando mais, mas união dura menos**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/ibge-brasileiro-esta-se-casando-mais-mas-uniao-dura-menos/>>. Acesso em 15 out. 2017.

DÂMASO I. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/damaso-i.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

DREHMER, Darci (ed.). **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Trad. Arnaldo Schüler. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. Vol. 2 – A era dos gigantes. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980.

_____. **E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. Vol. 3 – A era das trevas. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. **E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. Vol. 4 – A era dos altos ideais. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1981.

GREGÓRIO VII. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/gregorio-vii.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

INOCÊNCIO I. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/innocenzo-i.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

JUSTO L. GONZÁLEZ. Disponível em: <https://vidanova.com.br/104_justo-l-gonzalez>. Acesso em 09 out. 2017.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas – Volume 2: o programa da Reforma – escritos de 1520.** Trad. Martin N. Dreher et al. 3. ed. atual. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

_____. **Obras Selecionadas – Volume 5: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia.** Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

NESTINGEN, James Arne. Luther on Marriage, Vocation and the Cross. In: **Word & World.** Saint Paul, Minnesota (USA): Luther Seminary, volume 23, Number 1, Winter 2003. p.31-39.

OLSON, Carl (ed.). **Celibacy and Religious Traditions.** New York: Oxford University Press, 2008.

PAULO III. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/paolo-iii.html>>. Acesso em 13 set. 2017.

PLESS, John T. Luther on Marriage: Vocation in Creation and Cross. In: **Image of God Conference.** Fort Wayne, Indiana (USA): Concordia Theological Seminary, 18-20 September 2006, p. 1-6.

PRUNZEL, Clóvis Jair. **Documentos Confessionais da Reforma.** Canoas: Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, 2015.

_____. **Os catecismos de Lutero para o povo de Deus.** Porto Alegre: Concórdia, 2017.

REGISTRO CIVIL 2014: BRASIL TEVE 4.854 CASAMENTOS HOMOAFETIVOS. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/15160-registro-civil-2014-brasil-teve-4-854-casamentos-homoafetivos.html>>. Acesso em 13 out. 2017.

SIRÍCIO. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/siricio.html>>. Acesso em 08 ago. 2017.

WENGERT, Timothy J. The Book of Concord and Human Sexuality, Seen Through the Institution of Marriage. In: **Dialog: A Journal of Theology**, volume 48, number 1, march - spring 2009. p.9-18.